

Um Auto de Gil Vicente
de Almeida Garrett

ÍNDICE

Introdução
Prefácio
Um Auto de Gil Vicente
Acto Primeiro
Acto Segundo
Acto Terceiro
Notas

INTRODUÇÃO ¹

Em Portugal nunca chegou a haver teatro; o que se chama teatro nacional, nunca; até nisso se parece a nossa literatura com a latina, que também o não teve. A cena romana viveu sempre de empréstimos gregos, nunca houve renda própria; a nossa andou fazendo «operações mistas» com a Itália e Castela, até que, fatigada de uma existência difícil, toda de provações e sem glória, arreou a bandeira nacional, que nunca içara com verdadeiro e bom direito, e entregou-se à invasão francesa.

Napoleão mandou à conquista de Portugal um dos seus generais mais brilhantes. Mas a gente que, bons trinta anos antes disso, tinha vindo, em nome das perfeições francesas, apoderar-se do nosso teatro, era bicha reles – algum troço de guarda-barreiras de província.

O que se traduziu, o que se traduziu, e como?

E todavia Gil Vicente tinha lançados os fundamentos de uma escola nacional. Mas foi como se a pintura moderna acabasse no Perugino. Os alicerces da escola eram sólidos como os do «erário novo» à Cotovia; mas não houve quem edificasse para cima, e entraram a fazer barracas de madeira no meio, e casinholas de taipa, que iam apodrecendo e caindo, até que vieram os reformadores, como é moda agora, destruíram tudo, alicerces e tudo, fizeram muitos planos, e não construíram nada – nem sequer deixaram o terreno limpo.

A causa desta esterilidade dramática, desta como negação para o teatro em um povo de tanto engenho, em que outros ramos de literatura se têm cultivado tanto... não se pode explicar, dizem todos, e eu também o tenho dito. Mas é que nada se acha sem procurar. Ora vamos a ver.

O teatro é um grande meio de civilização, mas não prospera onde a não há. Não têm procura os seus produtos enquanto o gosto não forma os hábitos e com eles a necessidade. Para principiar, pois, é mister criar um mercado factício. É o que fez Richelieu em Paris, e a corte de Espanha em Madrid; o que já tinham feito os certames e concursos públicos em Atenas, e o que em Lisboa tinham começado a fazer D. Manuel e D. João III.

Depois de criado o gosto público, o gosto público sustenta o teatro: é o que sucedeu em França e em Espanha; é o que teria sucedido em Portugal, se o misticismo belicoso de el-rei D. Sebastião, que não tratava senão de brigar e rezar, – e logo a dominação estrangeira que nos absorveu, não tivessem cortado à nascença a planta que ainda precisava muito abrigo e muito amparo.

A restauração veio melancólica e ascética. O Senhor D. João IV era músico excelente, mas de igreja. Seus dois filhos, nem eu sei se eles tinham gosto por alguma coisa: acho que não. Cada qual por seu modo, mas ambos foram bem tristes e infelizes reis.

O Senhor D. João V, esse teve paz e fortuna, e era magnífico e grande amigo das artes e dos livros – mas livros em fólio, muito grandes, muito pesados, com muita nota marginal, como se faziam naquela sua santa Academia de História, que deitava cada volume em papel imperial – e tão belas edições!

Dizem que queria imitar Luís XIV de França: que pena que o não imitasse em proteger e animar o teatro! Talvez foram escrupulos de consciência ou beatério estúpido de alguma Maintenon bastarda...

Mas com o gosto que então dominava a literatura, quase que foi fortuna

¹ Do autor.

abandonarem o teatro. Havia de ter que ver um drama laureado pela Academia dos *Singulares* – ou pela dos *Humildes e Ignorantes!* ²

O marquês de Pombal, sobretudo depois que travou luta de morte com os Jesuítas, com a corte velha – e com toda a sociedade velha – quis servir-se do teatro; mas o estado de guerra social era já muito violento de mais, andava no ar muito furacão de filosofias abstractas que não deixavam medrar o que se plantava, e a terra não se revolvera ainda bastante para lhe dar substância nova.

Neste primeiro começar das transições sociais não se cria nada.

Como se há-de então criar hoje? Hoje o estado é outro, já se revolveu a terra, já mudou todo o modo de ser antigo; não está completa a transição, mas já leva um século de começada – que a principiou o marquês de Pombal.

Drogas que se não fazem na terra, que remédio há senão mandá-las vir de fora! O marquês de Pombal mandou vir uma Ópera italiana para el-rei.

O povo compôs-se a exemplo do rei: traduziam em português as óperas de Metastásio, metiam-lhes graciosos – chamava-se a isto *acomodar ao gosto português*; – e meio rezado, meio cantarolado, lá se ia representando. Vinha o entremez da *Castanheira* no fim, ou outro que tal: e que mais queriam?

O povo antes queria as óperas do Judeu. – Tinha razão; mas queimaram-lho e o povo deixou queimar. Coitado do pobre povo!

Com o dinheiro que ele suava para as óperas italianas, para castrados, para maestro e maestrinos, podia ter quatro teatros nacionais: e o Garção que lhe fizesse comédias que haviam de ser portuguesas deveras, porque o Garção era português às direitas.

Tinham-lhe queimado o António José porque diz que não comia toucinho; mataram-lhe o Garção numa enxovia por escrever uma carta em inglês ³.

E o povo deixou matar. Por isso ficou sem teatro. Não seja tolo. E eram duas calúnias atrozés, ambas elas: o António José comia um prato de torresmos como qualquer cristão velho, e o Garção nunca escreveu tal carta em inglês. Com o primeiro foi vingança ignóbil de algum frade fanático; com o segundo foi mais ignóbil vingança ainda, a de um ministro que blasonava de filósofo!

No reinado seguinte era pecado subirem mulheres à cena. Façam lá *Zairas* ou *Ifigénias* para representarem barbatolas!

Demais a mais, a invasão literária francesa, de que falei, veio por este tempo.

Completa ela, já não era possível haver teatro: a literatura dramática é, de todas, a mais ciosa da independência nacional.

Estas poucas e deslavadas tragédias que se fizeram – clássicas puritanas da gema – eram francesas na mesma alma, não tinham de português senão as palavras... algumas – uma ou duas, apenas o título e os nomes das pessoas.

E a Academia das Ciências a oferecer prémios aos dramas originais! E escritores de bom talento a traduzir Racine, Voltaire e Crebillon e Arnaud! Nada; não renascia; ou propriamente, não nascia o teatro nacional.

Nem ele tinha onde nascer, o pobre: que só a humildade da Eterna Grandeza escolheu para nascer um presepe. Havia aí duas arribanas, uma no Salitre, outra na Rua dos Condes, onde alternada e lentamente agonizava um velho decrépito que alguns tafuis de botequim alcuñhavam de teatro português; e iam lá de vez em quando ouvir o terrível estertor do moribundo: – que atroz divertimento!

O povo não; esse não ia lá. Conhecia o estrangeiro, não lhe tinha amor nem ódio,

² Duas mais notáveis das infindas Academias daquele tempo, cujo gosto era o mais refinado e insuportável gongorismo.

³ Veja nota A.

mas deixava-o morrer e berrar com dores e com fome. Não ia lá.

O povo tinha razão.

E mais razão teria se fosse pôr dali fora o velho e os tafuis, e queimasse as arribanas que eram um insulto e uma desonra para ele, povo, que não tinha culpa.

Tinha; mas em sofrer.

Fizeram-se revoluções; as primeiras sem o povo saber: eram desavenças entre frades, fidalgos, desembargadores e soldados, sobre quais haviam de governar. E o povo a ver.

Caíram uns, levantaram-se outros; disputaram muito dos direitos do homem, depois do trono e do altar; cada um puxava para a sua banda pela velha máquina social, até que ela desabou toda e quebrou a cabeça à maior parte dos disputantes.

O povo começou a levantar a sua.

«Vamos ver o que isto é», disse por fim a Nação. Aquelas conclusões magnas que as suas oligarquias tinham estado defendendo e arguindo durante bons vinte anos, não as entendia bem o povo: mas começavam-lhe a agradecer algumas palavras.

Daí, quis as coisas que essas palavras significavam.

Aqui é que são elas. Os utopistas, os teoristas eram liberais de palavras. Coisas nem as queriam muito fazer, nem sabiam fazê-las.

Glosavam o mote de Junot: «estradas, canais, comércio, indústria, artes – um Camões para o Algarve:» é a suma de todas as proclamações de há quarenta anos a esta parte – que as assinem reis ou demagogos, príncipes ou tribunos.

O povo riu-se das proclamações. Mas tanto teimaram com elas, que principiou a murmurar.

– Vamos a fazer alguma coisa, não há remédio: disseram os poetas.

– O quê?

– O que sair: deitar abaixo, destruir por aí essas coisas, que é o que tem menos que saber e que fazer.

Por fim, foram-se embora os frades, puseram-lhe os deputados em São Bento. Foram-se os fidalgos, entraram os agiotas; acabaram-se as procissões, vieram as lojas dos pedreiros.

E o Camões e as estradas? Estavam a fazer em Londres, creio eu, e a contrair-se um empréstimo *muito favorável* para os trazer – quando veio a Revolução de Setembro, que desarranjou tudo.

Coitada da pobre revolução, como se ela se fizesse a si, e não fosse a tal gente das estradas e do Camões os que a fizeram! – os tais poetas que em perene outeiro têm estado sempre a glosar o inexaurível mote de Junot.

E tudo isso que tem com o teatro? – Tem que houve aí três meses, ou coisa que o valha, um governo que era nacional, embora fosse extralegal – que errou em muita coisa sem dúvida, mas que desejava acertar, e que, sobretudo, *não mentia*.

Glosou o mote... oh, isso é de rigor; não se dispensa a ninguém nesta terra. Glosou o mote também: mas quis, mas começou a pôr muito verso em prosa, muita palavra em obra.

Fizeram-se Escolas e Academias, decretou-se o Panteão...

Foi poesia; mas não da glosa cediça dos tais poetas de outeiro que nos trepanam a cabeça há tantos anos. – Mofaram dele os sensaborões: pois deviam-se envergonhar, que era um pensamento nobre, nacional, útil, exequível, necessário, que podia salvar tanto monumento para a história, ressuscitar tantas memórias que se apagam, levantar tanto ânimo baixo que decai, fazer renascer talvez o antigo entusiasmo português pela glória, que morreu afogado nas teorias utilitárias. – Cá nesta pobre terra nem sequer de teorias passaram!

Decretou-se também o Teatro Nacional e o Conservatório Dramático. – «Foi o irmão gémeo do Panteão», disse ainda o outro dia um dos tais. – Seria, foi: e fizeram-lhe a mesma chacota a mesma gente – os poetas do outeiro perpétuo, que nunca fizeram, nem podem, nem sabem, nem hão-de fazer nada – mas não querem que ninguém o faça.

Eles aí estão outra vez a glosar o seu mote, a fazer promessas e proclamações. Vejam as estradas que macadamizam, os canais por que navegam – e os Camões que os cantam!

Ora eu, que sou um pobre homem, gostei do Panteão e do Teatro Nacional e do Conservatório; mas não cria muito neles – não por eles em si que são muito possíveis e factíveis – mas porque sei onde vivo e com quem.

Acanharam-se, recuaram com o Panteão; fizeram mal. É preciso ter ânimo para afrontar até com o ridículo: é o pior inimigo que há, mas é necessário encarar com ele de olhos direitos, e não lhe ter medo, quem quer fazer qualquer coisa útil e boa, em terras pequenas sobretudo, e onde há tanta gente pequena.

É o que eu fiz com o Conservatório e o Teatro. Fui por diante, não fiz caso dos sensaborões, e levava-os de vencida.

Mas tem maus fígados a tal gatinha. Quebrou-se-lhes a arma do ridículo, tomaram, sem escrúpulo, a da calúnia. Veio a religião, veio a economia, chamou-se tudo para anatematizar um pobre instituto inocente cuja despesa é insignificante, cujo proveito é tamanho.

– Que proveito?

– O de criar um teatro nacional que não temos.

– Como?

– Dirigindo a censura teatral, como faz; encaminhando os jovens autores na carreira dramática, como fez a tantos: formando actores, como está fazendo – devagar, que isso é o mais difícil de tudo – edificando uma casa digna da capital de uma nação culta, como também já principiava a fazer.

Se há defeitos na instituição, emendem-nos, mas não destruam, que é de bárbaros; não caluniem, que é de vilões.

Ora, quando me encarregaram deste que, em meu conceito, era mui grande empenho nacional, disse eu a Sua Majestade a Rainha que se dignara mandar-me consultar:⁴

«Entre as jóias que da coroa portuguesa nos levou a usurpação de Castela, não foi a menos bela esta do nosso teatro. Como o Senhor Rei D. Manuel deixou pouco vividoura descendência, também o seu poeta Gil Vicente deixou morredoiros sucessores. Outros pendões foram fazer a *conquista, navegação e comércio* dos altos mares que nós abandonámos; outras musas ocuparam o teatro que nós deixámos. E desta última glória perdida, nem sequer memória ficou nos títulos de nossos reis.

Mas tudo nos tem sempre assim ido em Portugal, cujo fado é começar as grandes coisas do mundo, vê-las acabar por outros – acordarmos depois à luz – distante já – do facho que acendêramos, olhar à roda de nós – e não ver senão trevas!

Com efeito, desde aquela época nunca mais houve teatro português. Todos os povos modernos foram, um depós o outro, pelo caminho que nós encetámos, adiantando-se na carreira dramática; nós voltámos para trás, e perdemos o tino da estrada, nunca mais acertámos com ela.

Alguns esforços, algumas tentativas se têm feito, assim por indivíduos como pelo governo; todos infrutuosos, porque se não deu impulso simultâneo aos três elementos, que é preciso criar, porque nenhum deles existe.

Nem temos um teatro material, nem um drama, nem um actor. Os Autos de Gil

⁴ Por portaria de 28 de Setembro, a que satisfiz em 12 de Novembro de 1836.

Vicente e as Óperas do infeliz António José foram nossas únicas produções dramáticas verdadeiramente nacionais. Umas e outras, inda que por motivos diferentes, são obsoletos e incapazes da cena.

Mas em Portugal há talentos para tudo; há mais talento e menos cultivação que em país nenhum da Europa!

Basta que Vossa Majestade se digne evocar do caos os elementos que aí lutam, e uma criação bela e grande surgirá à sua voz; tal que Vossa Majestade se comprazerá na sua obra, e alcançará na opinião do mundo um dos mais ilustres títulos com que a história honra os príncipes – o de protector das boas artes.»

Mas para fazer a casa era preciso muito dinheiro, e eu sou pobre; para formar actores, muito tempo, e eu tenho pouco; para fazer um repertório, a isso posso eu ajudar⁵ (em terra de cegos), e apenas tive um instante de descanso pus-me a fazer um drama.

Foi em Junho de 1838.

O que eu tinha no coração e na cabeça – a restauração do nosso teatro – seu fundador Gil Vicente – seu primeiro protector el-rei D. Manuel – aquela grande época, aquela grande glória – de tudo isto se fez o drama.

Não foi somente o teatro, a poesia portuguesa nasceu toda naquele tempo; criaram-na Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, engenhos de natureza tão parecida, mas que tão diversamente se moldaram.

Gil Vicente, homem do povo, cobiçoso de fama e de glória, todo na sua arte, querendo tudo por ela e persuadido que ela merecia tudo, viveu independente no meio da dependência, livre na escravidão da corte; e fiado na protecção dos reis, seus amos e seus amigos, fustigava de epigramas e *chacotas*⁶ quanto fidalgo se atrevia a desprezá-lo, quanto frade ou desembargador – e não lhes faltaria vontade – vinha com intrigas e hipocrisias para o mortificar.

Original e atrevido em suas composições, sublime por vezes, o seu estilo era todavia de poeta cortesão: conhece-se. Os cinismos que hoje lhe achamos, ou não soavam tais nos ouvidos daquele tempo, ou permitia a singeleza dos costumes mais liberdade no rir e folgar, porque havia mais estreiteza e pudor nas coisas sérias e deveras.

Bernardim Ribeiro, ao contrário, nobre e cavalheiro, cultivava as letras por passatempo, e a corte por ofício. Mas a poesia, que em casa lhe entrara como hóspeda e convidada, fez-se dona dela e tomou posse de tudo. Foi poeta não só quando escrevia, mas pensou, viveu, amou – e amar nele foi viver – amou como poeta.

Tais são os dois caracteres que eu quis pôr defronte um do outro.

Desta comparação fiz nascer todo o interesse do meu drama; foi o pensamento dele: fixei-o num facto notável, cujas circunstâncias exteriores minuciosamente nos deixou descritas⁷ uma testemunha respeitável, e de cujos particulares misteriosos apenas se adivinha alguma coisa confusamente por um livro de enigmas e alegorias⁸ que não entendia talvez nem quem o escreveu. Já se vê que falo da partida da infanta D. Beatriz para Sabóia – facto à volta do qual se passa o drama.

Para a parte íntima dele as *Saudades*, de Bernardim Ribeiro; a memória de Garcia de Resende para a parte material e de forma; o Gil Vicente todo, mas especialmente a tragicomédia⁹ que naquela ocasião compôs e foi representada na corte, para o estilo, costumes e sabor da época. – Tais foram as fontes donde procurei derivar a verdade

⁵ Veja nota B.

⁶ Espécie de cantigas satíricas e jocosas – talvez o que em sua origem foi o *vaudeville* francês.

⁷ Garcia de Resende. – Veja nota C.

⁸ Veja o livro: *Saudades*, de Bernardim Ribeiro.

⁹ Cujo título é: *Cortes de Júpiter*. Veja nota D.

dramática para esta que ia ser a primeira composição nacional do género.

Digo *verdade dramática*, porque a história propriamente, e a cronológica, essas não quis eu, nem quer ninguém que saiba o que é teatro.

O drama de Gil Vicente que tomei para título deste não é um episódio, é o assunto mesmo do meu drama; é o ponto em que se enlaça e do qual se desenlaça depois a acção; por consequência a minha fábula, o meu enredo ficou, até certo ponto, obrigado. Mas eu não quis só fazer um drama, sim um drama de outro drama, e ressuscitar Gil Vicente a ver se ressuscitava o teatro.

Os caracteres de Gil Vicente e da infanta estão apenas delineados; não podia ser mais: tive medo do desempenho.

E o desempenho, todavia, foi muito além de minhas esperanças. Os actores fizeram gosto de cooperar neste primeiro impulso para a libertação do teatro, e obraram maravilhas.

O público entrou no espírito da obra e aplaudiu com entusiasmo, não o autor, mas, certa e visivelmente, a ideia nacional do autor.

Aqui têm o que é o *Auto de Gil Vicente*; e nunca pretendeu ser mais. Foi uma pedra lançada no edifício do nosso teatro, que já chamou outras muitas.

Tenho fé que há-de ir crescendo o monte e se há-de vir a rematar o edifício. Parou tudo com a perseguição do *Salvatério*: a casa com o terreno e parte do material já comprado – e boa soma de contos de réis já assinada – o repertório com um bom par de dramas, em que há alguns com muito mérito, tudo parou.

Consumará esta gente, com efeito, a sua obra de vandalismo brutal e estúpido?

Creio que sim. O povo que lho agradeça.

É a quinta crise do teatro português.

A primeira trouxe-lha o fanatismo de el-rei D. Sebastião e a perda da independência nacional.

Na segunda queimaram-lhe o pobre António José.

A terceira veio com a Ópera italiana e a perseguição do Garção.

A quarta foi a invasão das macaquices francesas.

Esta quinta é a do *Salvatério*.

E toda a glória pertence a...

– Não quero ainda dizer a quem pelos seus nomes. Por pouco que vivam estes meus livrinhos, sempre hão-de viver mais alguma coisa do que eles; não lhes quero dar mais esses dias de vida.

E talvez ainda se envergonhem. – Duvido. –¹⁰

Pois viva o *Salvatério*!

Benfica, 24 de Agosto de 1841.

¹⁰ Veja nota E.

PREFÁCIO DOS EDITORES

A aparição deste drama fez uma época na história literária de Portugal. De então verdadeiramente é que se começou a pensar que podia haver teatro português. Toda Lisboa foi à Rua dos Condes aplaudir Gil Vicente; todos os jovens escritores quiseram imitar o Gil Vicente. Toda a imprensa periódica celebrou este acontecimento nacional com entusiasmo. Se ladrou algum zoilo, foi de modo que se não ouviu; latido que se perdeu entre as aclamações gerais. Dois escritos, entre tantos que este drama fez aparecer, sobressaíram vantajadamente pela superioridade do estilo e dos pensamentos, e formam, para assim dizer, o relatório do seu processo; são documentos que devem conservar-se, e que julgamos indispensável colocar aqui ao pé do drama. O primeiro apareceu no *Diário do Governo*, o segundo na *Crónica Literária*, de Coimbra.

I

A restauração das artes é impossível sem o auxílio do génio; e o génio não é a imitação. Felizmente, um drama original português, engenhosa produção de um talento que assaz avultava já na nossa literatura, veio trazer-nos a aurora da verdadeira restauração do teatro português, e marcar uma época em nossa história dramática.

O pensamento deste belo drama do Sr. Garrett é o mesmo do seu poema *Camões*: celebrar a nossa glória literária, reanimar a memória dos patriarcas e fundadores da nossa literatura, recordar o nosso antigo esplendor.

Gil Vicente, o pai do nosso teatro – e do espanhol todo – o Plauto nacional, o que obrigou Erasmo a aprender português só para gostar o sal de suas comédias, o poeta da corte e da sociedade, aparece em cena formando gracioso contraste com Bernardim Ribeiro, o trovador, o poeta ideal, o cantor da solidão, e também o primeiro que ao alaúde romântico dos menestréis juntou uma corda da lira grega, uniu as duas poesias e imprimiu na literatura nacional este cunho de melancolia e *abandono* que ainda hoje a caracteriza.

Estas são as duas grandes figuras do drama. Paula Vicente, a filha do poeta cómico, de quem sabemos quanto o ajudava em suas composições, e que grande génio tinha, fica entre os dois ligando a acção das duas figuras, e formando o capital grupo do quadro, aquele em que bate a principal luz. Tudo o mais é acessório.

Bernardim Ribeiro, colocado em uma posição social mui superior, tinha cortejado levianamente a Paula (supôs o autor do drama) por mero capricho e sem afeição verdadeira. Paula, honesta e orgulhosa, o repeliu. Cessou o galanteio, mas Paula ama secretamente o poeta.

Todavia, criada e valida no paço, a filha de Gil Vicente tem sincera devoção pela infanta D. Beatriz, princesa de grande talento, como sabemos, e de grande virtude, segundo nos diz o autor da peça, que, cativada dos versos e do engenho de Bernardim, tem por ele uma oculta, e tanto mais violenta paixão, quanto é uma paixão honesta e virtuosa, que as conveniências sociais, o seu próprio carácter e nobres sentimentos lhe não deixam nem a esperança de satisfazer jamais. Paula Vicente protege esta paixão com sacrifício de seus mais caros sentimentos. Situação muito dramática, e de que o autor tirou grande partido.

O autor escolheu a véspera da ida da infanta para Sabóia, para levantar o pano do seu drama. Há uma grande função na corte, de que Garcia de Resende nos conservou os mais minuciosos detalhes. Existe ainda o próprio auto que Gil Vicente compôs para as ditas festas, e que foi representado no paço em plena corte. Este auto velho faz

realmente todo o entrecho da peça moderna. Uma figura que falta, e que Bernardim Ribeiro, de concerto com Paula, se oferece a fazer para ter ocasião de falar à princesa, precipita a catástrofe. O namorado poeta, em vez de dizer o seu papel, improvisa uns versos que só Paula e a infanta entendem, mas que sobressaltam e espantam a todos. O terror cómico de Gil Vicente nesta ocasião é do melhor efeito.

Uma figura secundária, e que, por falar no estilo de Vitor Hugo, forma antes a moldura do quadro, do que parte dele, é a de el-rei D. Manuel. Contudo parece-nos excelente. Como pintura histórica, ele é realmente o que no-lo descrevem seus biógrafos; e como carácter do drama, habilmente desenhado e com finura. El-rei sabe da inclinação da infanta, sabe que são amores de criança, inocentes e fáceis de desvanecer, se imprudentemente lhe não derem importância com procedimentos que só podem motivar escândalo. Como rei e como pai, o seu procedimento é perfeitamente regulado. Dissimula sem fechar os olhos – repreende e admoesta sem dar escândalo – e salva talvez do opróbrio, não merecido por um crime (pois que a princesa aparece sempre em toda a rigidez da virtude e em toda a pureza da inocência), mas até certo ponto incorrido por levezas de pouca idade – a fama de sua filha e o decoro de sua família e casa.

Apesar, contudo, da grande e finíssima política de el-rei, da virtude e resplandecente inocência da princesa, da vigilante, zelosa e *interessada* guarda de Paula, D. Beatriz, sem um átomo de crime em sua consciência, ficaria, contudo, difamada se não fosse a generosa devoção de sua criada particular, e a heróica resolução do homem que ousou amá-la.

Já a bordo do navio que vai levantar ferro, Bernardim Ribeiro tinha conseguido ir fazer suas últimas despedidas à infanta. Esquecidas as horas em um terno e honestíssimo, mas extremamente apaixonado adeus – el-rei chega que vem dar o derradeiro abraço a sua filha. Tudo está perdido, não há remédio. Duas mulheres inocentes, vítimas da irreflexão e levandade própria do seu sexo, vão ficar cobertas de infâmia, como se fossem réis do mais detestável crime. – Que fará Bernardim Ribeiro, o poeta meio doido, e agora três variado de todo? – Fugir, não pode; esconder-se, aonde que, mais tarde ou mais cedo, o não achem? – Apunhalar-se? – Aí fica o seu cadáver para denunciar a aparente culpa daquela que ama com tanto excesso como respeito. – Neste extremo de perigo sua razão lhe volta toda:

– «Não tendes receio», diz ele; e beijando pela última vez a mão da princesa – salta de um pulo as varandas da nau e se arremessa ao Tejo. – A infanta desmaia, Paula fica extática – el-rei entra, e atribui a outra causa o desmaio da filha e o drama termina com esta situação bela e original.

Não nos diz nem podia dizer o autor se Bernardim Ribeiro morre, ou não, afogado nas águas do Tejo. O que ele queria era tirá-lo dali, e tirá-lo bem. – Conseguiu-o, e não se importou com mais nada.

Pela tradição, mais que pela história, sabemos, ou supomos que o autor da *Menina e Moça* sobrevivera à partida da infanta para Sabóia, e até dizem, que lá fora ter com ela, esperando outro acolhimento que não teve, e que, voltando ofendido e desencantado a Portugal, morrera nas brenhas de Sintra. Outras conjecturas o dão esquecido dos seus extremos e casado pouco depois.

O livro das *Saudades*, em que, debaixo do disfarce de cavalarias, contou a história de seus amores, decerto apareceu depois. – O autor do drama, com todo o tacto, faz bem entender que a cópia do dito livro que pôs nas mãos da princesa é *manuscrita*, e que ainda não foi multiplicada por essa *nova arte que veio da Alemanha*, a imprensa, nova ainda na Europa e novíssima em Portugal.

Em suma, o drama tem suas partes extra-históricas, mas nenhum anacronismo. E ainda extra-histórico é ele muito menos que nenhum outro deste género.

Achámos feliz o desenho do carácter de Gil Vicente; mas notámos que só no-lo mostrou do lado cómico: convinha que víssemos alguma coisa também do reverso triste e melancólico que estes caracteres têm sempre, como tinha Molière, e como sabemos, até por suas obras, que o tinha Gil Vicente. – É boa, mas talvez imperfeita esta figura, perdoe-nos o nosso ilustre literato.¹¹

Bernardim Ribeiro, D. Beatriz, D. Manuel são completos cada qual no seu género. O secretário da embaixada de Sabóia, excelente. Sentimos, porém, o pouco, antes nenhum, desenvolvimento que o autor deu a dois interessantes caracteres que pôs em cena e em presença – Garcia de Resende, o cronista – e o conde de Vila Nova de Portimão: a corte nova e a corte velha. Estão tanto no fundo do quadro estas duas figuras importantes, chega-lhes tão pouca luz, que faz pena não os ver quase. Admiramos que tendo posto na cena o eminente literato e profundo arqueologista Resende¹², lhe fizesse a *desfeita* de o colocar entre as pessoas mudas. – Nestas *cortes literárias*, que celebrou no palácio de nossos reis, seu antigo berço e também seu capitólio, aparecem os representantes de todo o saber e gosto da feliz era de Quinhentos. Porque havia o nosso autor de *dar* somente a *palavra* ao poeta erótico e romântico, e ao poeta dramático? O historiador apenas fala, o antiquário e moralista nem abre a boca; o navegador diz duas frases, e os matemáticos só indirectamente ouvem citar o nome de Pedro Nunes!

Ainda que lhe custasse um anacronismo, o autor de uma composição tão nacional, tão quinhentista, tão calculada para celebrar e reviver aquela grande época, parece que devia pôr-nos ali na cena, vivos, animados e falando, os *deputados* de todas as artes e ciências que se reuniram em torno do grande rei D. Manuel para fazer de seu reinado o mais brilhante da história portuguesa.¹³

Perdoe-nos o autor esta censura, que lhe não fazemos por desmerecer em sua bela, útil e portuguesa obra, mas porque desejávamos que fosse ainda melhor, que fosse perfeita.

O estilo é correcto e clássico, e somente antiquado quando a verdade e fidelidade dos caracteres o demandam. Haverá talvez duas ou três frases que nos deixaram alguma dúvida de sua legitimidade assim ouvidas no teatro. Temos muita confiança no autor de *Camões* e *Adosinda* e do severo *Catão*, e de muito peso julgamos o seu testemunho quanto à linguagem. Mas, a não ser que os actores as estropiassem, repetimos que nos ficam escrúpulos das tais frases, e que o autor deve a seu estabelecido crédito de purista da língua o fazê-las justificar.¹⁴

Tal é o nosso cândido e imparcial juízo desta peça, que é a primeira verdadeira nacional toda, no assunto, nos ornatos, no estilo, em tudo inteira e plenamente portuguesa. O género pertence ao que talvez se possa chamar *clássico-romântico*, ou romântico moderado; é um meio-termo entre a *absoluta* e *republicana* independência poética de Shakespeare – e os servis regulamentos do *pautado* Racine e de seus imitadores. – Está nos princípios da moderna escola anglo-alemã; mas seguramente se não parece com as tão engenhosas quanto depravadas produções da novíssima e exagerada escola francesa. – Contudo algumas cenas alegres são afinadas pelo tom das do *D. João de Áustria* de Delavigne que, assim como o nosso compatriota, tem desprezado os asquerosos, ainda que fortes, efeitos da orgia trágica e das bacanais de coturno. Por isto, sobretudo e mais que tudo, devemos sinceros elogios ao autor *do Auto de Gil Vicente*, em nos mostrar que era possível criar e sustentar um grande e vivo

¹¹ Veja nota F.

¹² Veja nota G.

¹³ Veja nota H.

¹⁴ Veja nota H.

interesse no delírio das paixões mais cegas, sem nos dar crimes e horrores; que pode haver amor, amor apaixonado, delirante, infeliz e que excite profundamente a alma, sem os incestos, adultérios, envenenamentos, parricídios, infanticídios que a moderna escola nos quer fazer acreditar como elementos indispensáveis da tragédia e do grande drama.

Esta é daquelas obras de que se pode dizer com razão:

La mère en permettra la lecture à sa fille.

Seja-lhe muito louvor ao nosso distinto literato por haver entrado na grande reacção moral a que se prepara a literatura moderna para expurgar de seu seio os sedutores e meretrícios enfeites da devassidão em que ia caindo por outra reacção inevitável – a que tinha feito a natureza sobre a afectada e falsa literatura hipócrita dos dois últimos séculos.

Não será a literatura portuguesa a última a entrar nesta grande confederação moral, em que Walter Scott, Crabbe, Chateaubriand e Lamartine tão nobremente levantaram seus nobres escudos, e estão combatendo contra os Vitor Hugos, os Byrons e outros engenhos não inferiores àqueles certamente, e portanto do mais danoso exemplo.

Por isso, repetimos, lhe voltamos os louvores que tanto merece, e não menos também por nos dar o exemplo – tão raro entre nós, quanto é comum em nações civilizadas – de um homem entregue a graves cuidados, e utilmente ocupado de sérios negócios, dando suas horas de descanso ao trato ameno das belas-letas, e não se envergonhando de vir ao teatro instruir e deleitar aos seus concidadãos. Criticá-lo-á o orgulho estúpido e a vaidade brutal dos ignorantes, soberbos da sua elevação social, que devem ao acaso ou à intriga. Os que prezam o mérito real dir-lhe-ão sempre que prossiga pela estrada que lhe apontam os Addison, os Cannings, os Chateaubriand e os Martínez de la Rosa; que já lá vai – até entre nós! – o tempo da bruta e presunçosa ignorância de que dizia um dos nossos bons engenhos:

*Almotacé que queiras ser dum bairro,
Excluído serás, sendo poeta.*

Hoje os poetas *sobem* à tribuna para a ilustrar, *descem* à administração para a honrar, e servem a pátria sem abandonar as musas.

Se a eminente capacidade do ilustre autor o habilita para servir utilmente o seu país nesses graves e difíceis encargos, nem por isso deve ele deixar de seguir a vocação dos seus brilhantes talentos; e pela nossa parte muito desejamos que afaste de si toda a ideia que o embarace de continuar a nova e *regenerada* carreira que o *Gil Vicente* nos promete dele.

Se o censurarem e caluniarem, que se ria e zombe de seus detractores, que a nação tomará a sua causa: – no actual estado da civilização, a posteridade começa ainda na vida dos sábios. Desgraçados os Camões que morreram de fome num hospital sem a ver nem em esperança! – os Tassos, que expiraram de desgosto na véspera de seu triunfo! – os Chéniers em quem a guilhotina republicana puniu o crime atroz do talento, a *escandalosa aristocracia do génio!*¹⁵

II

Nesta época de transição, em que até a ciência e a literatura sofreram tamanho

¹⁵ Do *Diário do Governo*, nº 214, de 10 de Setembro de 1838.

abalo, não era possível que somente a arte dramática permanecesse estacionária, que resistisse ao desejo de mudança e melhoria, espírito do século presente. A revolução e progresso universal também deviam tocar-nos, força era que seguíssemos o exemplo que nos fora dado, e que da luz do nosso aperfeiçoamento social reflectisse algum clarão sobre o teatro português. E na verdade, se no resto da Europa a arte dramática sempre acompanhou o andamento da civilização, sendo talvez difícil de determinar qual delas abriu caminho à outra, não é certamente em Portugal que a experiência falece.

Enquanto jazíamos na ignorância e barbaridade, nenhuns passatempos conheciam nossos avós; se pouco a pouco se foram introduzindo alguns recreios, nestes se espelhava ao vivo o espírito daqueles tempos cavalheirescos; e as justas e torneios não eram mais do que uma semelhança dos combates e das batalhas, tão frequentes no décimo terceiro e décimo quarto século. Com os progressos da civilização tiveram bom acolhimento novos divertimentos que nos trouxeram os mouros e os judeus; e com a dança e canto, com momos, entremezes, touras e guinolas, D. Afonso V e D. João II abrilhantaram os saraus da sua corte. Por este tempo começaram-se a compor algumas comédias; o espírito religioso havia sucedido ao génio guerreiro, e as Escrituras deram o assunto aos primeiros autores: farsas ridículas, em que não duvidavam pôr em cena os mistérios mais sagrados da religião, foram os primeiros passos da arte ainda sem força.

Foi Gil Vicente nosso primeiro poeta dramático, e afora o conhecimento do latim, espanhol, francês e italiano, era-lhe estranha a literatura; nem rastros aparecem nos seus dramas das obras dos antigos dramáticos, e daqui vem a falta de actos e de unidade com que deparamos em seus Autos; a Bíblia era o seu livro, os entes mais sagrados os seus actores. E se acaso declamassem hoje em algum teatro esses dramas, poucos haveria que entendessem a linguagem, mistura de castelhano e português, ou estimassem em muito as cenas soltas e sem nexos que tanto promoveram o riso de nossos avós. Mudámos, e talvez para pior; pois que eu não sei qual seja preferível, se aqueles antigos Autos extravagantes no enredo, mas ricos de admiráveis lances cómicos e cuja linguagem era verdadeiramente nacional, se estes modernos entremezes escritos em frase incorrecta e chula, recheados de chocarrices que não podem agradar a ouvidos delicados.

E com acerto diz o Sr. Trigo numa Memória sobre o Teatro português, falando das obras de Gil Vicente: «Quando julgamos os antigos dramáticos, apesar das lições dos sábios e do fruto da experiência de muitas idades, não somos talvez de todo isentos de prevenções; conhecemos mais a inverosimilhança daqueles dramas que eram destituídos das três unidades, do que conhecemos o que quase sempre se segue da escrupulosa observação das mesmas unidades, e sabemos melhor vestir os nossos actores com os trajes próprios de seu país e do seu século, do que representá-los com os seus verdadeiros costumes e com a sua própria maneira de vida.» Parece que o ilustre académico antevia a necessidade da nova escola dramática.

Na arte dramática nunca Portugal pôde ombrear com os mais países; tal sempre tem sido seu triste fado! Se enumeramos insignes poetas nos outros ramos de poesia, neste é-nos preciso abater bandeiras. Assim como descobrimos nova derrota para ganhar aqueles países da Ásia, e deste achado som ente se aproveitaram os estrangeiros, assim em tempos remotos apareceu um Ferreira, que fez surgir na Europa civilizada o génio da tragédia; e nós satisfeitos com abirmos novo caminho aos poetas das mais nações, parámos no que devera de ser o incentivo da cultura e aperfeiçoamento da nossa literatura dramática. Se um Gomes, um Xavier ainda enriqueceram nosso teatro, são quais cintilantes estrelas em céu nebuloso; não temos uma série de autores dramáticos, como possui a França, a Alemanha e a Inglaterra. Ficámos por muito tempo sepultados em noite escura, saciando nosso mau gosto com entremezes ridículos e comédias em

que eram desprezados todos os preceitos do gosto.

Onde as armas imperam as letras não dão saborosos frutos; e esta talvez seja a causa da principal decadência do nosso teatro de 1820 até agora. Entregues todos aos negócios públicos, não havia quem cultivasse as artes; tudo quanto não tinha relação com a política era votado ao esquecimento, e destarte foi-se empobrecendo o nosso teatro, ao passo que os estranhos se aperfeiçoavam. Não havia bons actores, porque ninguém queria seguir uma profissão envilecida pelas prevenções daquela época; a muito custo ainda pisavam o palco cénico homens que passavam o dia trabalhando com o martelo ou sentados na tripeça. E quem haveria que compusesse dramas para tais actores? quem se sujeitaria a ver recitada por eles alguma obra filha de muitas noites de trabalho e de estudo? Ninguém. Algumas traduções toscas e malfeitas eram as únicas composições de que vivia o nosso teatro, e cujas funestas consequências foram a introdução de uma linguagem bastarda e mesclada de português e francês.

E neste mísero estado jazia o nosso teatro quando teve lugar a restauração; nestes poucos anos que a seguiram, várias foram as tentativas para restituí-lo a seu antigo esplendor, mas foram baldados todos os esforços; foi continuando a incorrecção no falar e a má escolha dos dramas. Os poucos que eram originais portugueses melhor fora que nunca os tirassem a público, pois que não eram mais do que um triste reflexo dos medonhos sucessos da nossa guerra civil. O Teatro do Salitre era o único regular de Lisboa, e este mesmo, que mais se assemelhava a uma baiuca do que a um lugar de recreio público, só era frequentado pela classe ínfima da sociedade; ali as graças mais obscenas eram unicamente aplaudidas, os ditos mais desonestos os que melhor soavam àquela plateia. No belo Teatro de São João da cidade do Porto não era mais feliz a arte dramática. A selecção dos dramas estava a cargo de homens indoutos; a execução dessas mesmas peças era confiada a uma companhia que mais do que uma vez apresentou em cena actores embriagados. Parecia que o nosso teatro já estava arquejando nos últimos arrancos, e que para finir-se o mísero só esperava pela morte daquele que ainda o presenteara com uma obra-prima, qual último canto do cisne. Mas a este nosso grande poeta também estava reservada a glória de ressuscitá-lo, e levantar aquele antigo e já arruinado edifício das nossas glórias literárias.

Entre a aluvião de leis que desde o começo da nossa revolução inundou Portugal, uma passou desapercibida, talvez taxada ainda de injusta e despótica, e todavia ela salvou a arte dramática da sua completa ruína: falo da lei que estabeleceu a Inspecção dos teatros. Este cargo só podia ser cometido ao autor de Catão; e grandes louvores devemos dar nós, os amadores desta arte, a quem fez tão acertada escolha.

O Sr. Garrett entendeu o mandado com vistas mais largas; só lhe haviam encarregado inspecionar os teatros, ele resolveu dar-lhes vida; havia sido nomeado para conservar restos que ainda existiam, ele determinou formar com estes mesquinhos cabedais um novo edifício, começar nova era teatral. E não foi somente com preceitos que trabalhou para tal reforma; mas sim deitou mãos à obra, abrindo caminho que há muito ninguém se atrevia a trilhar, pois que ao génio maduro e confiado em suas forças cumpre sacudir o jugo inveterado das preocupações. Lançou mão de alguns actores ainda mal ensaiados que um estrangeiro havia amestrado a recitar mal péssimas traduções, e lhes entregou, como vítima para o sacrifício, um drama composto por ele. A impaciência e génio do poeta dobrou o cantor de Camões a ensaiar pessoalmente a linda comédia *Um Auto de Gil Vicente*; a delicadeza do homem cortês forçou ele a sofrer submissa as intrigas de bastidores, que só avalia quem de perto as conhece. Mas tantos trabalhos teve por bem empregados quando universais aplausos amostraram ao autor de Catão o apreço em que todos tinham aquela nova obra, e os cuidados que lhe devera a sua execução.

Seja-me perdoado querer eu, mesquinho engenho, juntar mais uma folha aos louros que há muito cingem a fronte deste nosso poeta; mas estes ainda são poucos para quem foi de tanta valia à cena portuguesa. Da representação do *Auto de Gil Vicente* data uma nova época teatral; é a meta que separa o nosso teatro antigo do começo da sua restauração. As palmas dadas a esta comédia, repercutidas em muitos corações, foram uma faísca que despertou no peito da juventude portuguesa o estro dramático; muitos exclamaram:

Anch'io son pittore

e levantando a luva, que lhes fora lançada, aceitaram o desafio, e quiseram ter seu quinhão na gloriosa justa que lhes abria o canto de Dona Branca.

Quem escrupulosamente analisasse o *Auto de Gil Vicente*, talvez encontraria alguns defeitos, depararia com algumas cenas menos dramáticas, com falta de nexos e ligação entre estas; mas quanto acima destes pequenos descuidos transluz a pureza do estilo e a linguagem tão limada e portuguesa; melodiosa música soando a nossos ouvidos quase esquecidos dela! Quanto não são para admirar os pensamentos finos e delicados, os ditos jocosos que esmaltam esta comédia! Não tem a força dos conceitos, o esplendor das ideias de Vítor Hugo; carece talvez do enredo forte e arrebatador de Alexandre Dumas, porém enxergamos neste drama a perfeição e interesse de Casimir Dela vigne, a agudeza e engenhosa crítica de Molière. Não é raio lançando um clarão que cega e desaparece, mas sim mimoso brilho, plácida luz em que os olhos descansam gostosos.

A. B.¹⁶

¹⁶ Da *Crónica Literária* de Coimbra, nº 2, de 1840. – Este artigo é da elegante e esperançosa pena do Sr. Anselmo Braamcamp Júnior.

UM AUTO DE GIL VICENTE

DRAMA

Representado pela primeira vez em Lisboa,
no teatro da Rua dos Condes, em 15 de Agosto de
MDCCCXXXVIII

PESSOAS

El-rei Dom Manuel
Infanta Dona Beatriz
Bernardim Ribeiro
Gil Vicente
Paula Vicente
Pêro Sábio
Conde de Vila Nova
Garcia de Resende
Barão de Saint-Germain
Dr. Jofre Passerio
Chatel
Bispo de Targa
Mordomo-mor de el-rei
Um pajem de el-rei
Dona Inês de Melo
Joana do Taco

Quatro actores e duas actrizes de Gil Vicente

Damas, cavaleiros, escudeiros, falcoeiros, moços-fidalgos, moços do monte, reis-de-armas, Arautos, passavantes, menestréis, archeiros, remeiros, marinheiros, pajens, escravos índios, pretos e chins

Lugar da cena: Lisboa e Sintra

ACTO PRIMEIRO

O pátio ou largo dos paços de Sintra com a antiga escadaria descoberta e praticável, fontes e tanque. A esquerda o palácio real; à direita e no fundo montes e arvoredos. Começa o crepúsculo da madrugada. Pelo meio da terceira cena terá amanhecido.

CENA I

PÊRO SÁFIO

Traz um papel de solfa meio enrolado, na mão, e passeando lentamente como quem decora, canta por entre dentes:

Niña la casó su padre,
Muy hermosa a maravilla,
Con el duque de Saboya
Que bien le pertenecía...

PÊRO SÁFIO: Pertenecia! – Pertenecia, diz cá o castelhano do romance: em português tem mais que se lhe diga... – Psiu! que as paredes têm ouvidos, e paredes de palácio, ouvidos e bocas. *(Deita os olhos à roda de si como quem se acautela; e torna a cantar:)*

Niña la casó su padre...

Ora onde foi este mal-aventurado de Gil Vicente buscar solfa tão encatarroada como esta para uma função de vodas – e vodas reais! – Pois as copias? sensabores. – Se letra e música as não animar cá a brilhante e donosa garganta de uma certa pessoa... *(afagando o pescoço)* desta feita perdes tua fama e nome, Gil Vicente, meu amigo e mestre, compositor-mor de momos e chacotas, comédias, tragicomédias e autos por el-rei meu senhor que Deus guarde. *(Canta:)*

Ya se parte la Infanta,
La Infanta se partia
De la mui leal ciudad
Que Lisboa se decia;
La riqueza que llevaba
Vaie toda Alejandria...

CENA II

PÊRO SÁFIO, BERNARDIM RIBEIRO, PAULA VICENTE

Enquanto Pêro Sáfilo canta os últimos versos, Bernardim Ribeiro embuçado na capa, o chapéu sobre os olhos, aparece com Paula Vicente no patim da escadaria à esquerda. Paula faz sinal a Bernardim de que ali está Pêro Sáfilo.

PAULA: Olhai quem ali está.

BERNARDIM Pêro Sáffio, vosso devoto. Receais que tenha ciúmes? – Não me conhecerá.

PAULA: Receio que... Não quisera que ele soubesse tanto como sabe.

BERNARDIM Antes ele que outro. – E deixai-o comigo.

(Desce as escadas pé ante pé, que o não sinta Pêro Sáffio. Paula fica imóvel contemplando Bernardim com ternura e ansiedade até lhe parecer que está fora de risco de ser visto.)

CENA III

PÊRO SAFIO, BERNARDIM RIBEIRO

Bernardim vai-se retirando cautelosamente, mas no momento de passar por trás de Pêro, este se volta e dão face a face um com o outro.

PÊRO: Oh!, não se esconda, senhor embuçado, que já o desembuçou a minha perspicácia.

BERNARDIM *(tirando a espada)*: Arreda, que hei-de passar.

PÊRO: Passareis, passareis, senhor das Saudades; passareis como quiserdes, mas não sem vos eu conhecer. Que por estas madrugadas por aqui, e tão recatado... só um homem que eu conheço – um louco de atrevidos pensamentos e desmesurada confiança... só ele e ninguém mais. – Ide, ide, que este último capítulo da *Menina e Moça* não está para durar muito... e Deus queira que não acabe mal!

BERNARDIM *(desembuçando-se e embainhando)*: Amigo, pois que me conheceste – que me não posso encobrir de ti – amigo, tem compaixão, não me percas. Confio da tua lealdade que ma guardarás a mim, desgraçado e desvalido, a mim o mais infeliz... *(Dá com os olhos num anel que traz no dedo, beija-o repetidas vezes e prossegue em tom diferente:)* antes o mais afortunado homem que hoje vê nascer aquele sol radioso, destoucaram-se de nevoeiros aquelas serras, viçarem esses arvoredos tão belos – tão belos e tão verdes como as minhas esperanças!... – Pêro, meu amigo, eu sempre em ti descobri, com toda essa tua galhofa e zombaria, uma alma elevada, um pensamento grande, capaz de compreender as coisas altas. – Conhecem-te por cantares nos Autos de Gil Vicente e em semelhantes momos, não sabem de ti mais que os trejeitos e ledices com que tanto ri essa corte sem alma, essas damas sem espírito, esses fidalgos sem coração. Mas o teu é para muito, Pêro: tu és capaz de me entender. Para mais é a poesia da tua alma que para a do teu mestre Gil Vicente... que o tenho em muito, e muito vale; mas pesa-me que se avalie ele em tão pouco. – Pêro, tu sabes que ninguém é por mim, que me não posso fiar de ninguém; que só, isolado no mundo... vivo com minha saudade, e para ela e por ela... Pêro, eu preciso de um amigo: queres sê-lo tu?

PÊRO: Precisas de um amigo, de um amigo que te entenda, com uma alma grande, capaz... não sei de quê – de subir, de trepar até à tua, aos teus pensamentos, à alteza de tuas sublimes inspirações – e não sei que mais coisas de versos e trovadores, que aí embrulhaste em prosa, mas que soam como cascavéis de copias! – Assim costumais sempre. – Ora traduzamos isto em romance, *id est*, em língua vulgar, e vem a dizer: – Bernardim Ribeiro, homem de prol e cavaleiro de ousadas empresas, meteu-se em camisa-de-onze-varas por certos amores que lho Diabo meteu na cabeça; andou a sonhar – ou a trovar que é o mesmo – por essas serras de Sintra, falou com as mouras encantadas do Castelo, encomendou-se à Senhora da Pena, esconjurou a Lua em verso, as estrelas em prosa... Ninguém lhe acudiu. E vendo-se extraordinariamente entalado, em vez de tomar a única resolução prudente e de siso que em tal caso podia tomar...

BERNARDIM: Qual era?

PÊRO: Ir de passeio por Colares fora, esperar maré propícia – e atirar consigo da *Pedra de Alvidrar* abaixo – único termo verdadeiro de seus fantásticos e desvairados amores.

BERNARDIM (*com paciência*): Ah!

PÊRO: Sim, senhor. O deus do amor, e todas aquelas ninfas e deusas que nos mostra cá, em seus autos e comédias famosas, o amigo Gil Vicente, viriam recebê-lo; e passaria vida alegre e ditosa em terra... terra não, que a coisa era no mar – mas entre gente da sua igualha, coisas do outro mundo; que trovadores e poetas não são naturais deste nem andam correntes por cá.

BERNARDIM: E bem certo o que dizes, amigo. Um mundo de vaidades e fingimentos, um mundo árido e falso, em que a fortuna cega, os sórdidos interesses, as imaginárias distinções corrompem, quebram o coração; – cujas leis iníquas fazem violência à liberdade natural das almas; – em que a amizade é um tráfico – e o próprio amor, o mais nobre, o mais sublime affecto humano, é mercadoria que se vende e troca pelas vis e mesquinhas conveniências da terra... Oh!...

PÊRO (*arremedando-o com ênfase ridícula*): Oh! este mundo está inabitável desde que as donzelas nobres deixaram de fugir com os escudeiros de seus pais – e que os reis entraram a usar da tirania de casar as infantas suas filhas com príncipes de sua liança, sem esperar que algum Amadis de Gaula ou de Grécia, ou... – Como se chama aquele vosso, aquele famoso cavaleiro do vosso livro das *Saudades*? Bimnardel – Narbimdel? coisa assim parecida – ou qualquer outro, lhas safe pelas seteiras do castelo, e vão fazer vida santa para uma choupana à borda de um ribeiro, já que fortuna injusta não deu ao guapo cavaleiro

Nem torre em que hasteie sua nobre bandeira,
Nem porta de vila que lhe encha a caldeira,

(*Muda para tom sério.*) Senhor Bernardim Ribeiro, tomai conselho de um fraca-figura – Pêro do Porto ou Pêro Sáffio, segundo mais vos praza, que ambos os nomes tenho – vosso servidor, moço da capela de el-rei, e uma das principais figuras dos Autos e comédias do poeta Gil Vicente – esposo que espera ser da Senhora Paula Vicente, sua

filha e minha dama, moça de espantoso saber e aviso, mas ingrata se as há, e desdenhosa como as que o são. I-vos em paz, que só eu, por ora, vos vi sair daquela aziaga porta. Paula guardará segredo, e eu também. Assim i-vos com Deus para vosso esconderijo da serra conversar com as fadas e duendes do castelo velho – em que, tão louco sois que estais vivendo como um anacoreta. – Olhai: a corte vai amanhã para Lisboa. Depois de amanhã se recebe a infanta com Messer de Balaison, barão de Saint-Germain, em nome do Duque seu amo. A noite, sarau, e o nosso Auto (ou tragicomédia, segundo se diz agora por moda) – no qual eu, Pêro do Porto – ou Pêro Sáffio, como me chama o excomungado de Gil Vicente... – E pegou a alcunha; que até el-rei meu senhor – e as Senhoras, já não há senão: «anda cá, Pêro Sáffio – canta lá, Pêro Sáffio – vai-te daí, Pêro Sáffio...» – Só nunca tal me chamou Paula Vicente, minha dama!... Ora ainda hei-de averiguar a razão desta cortesia... Será que me não queira dar confiança? – Cachopa é ela para tanto, que a não vi nunca mais sobre si. – Veremos. – O caso é que depois de amanhã, sarau, dança e Auto. E ao outro dia... acabou-se tudo. – Entendeis-me? – Acabou-se tudo: porque a muito ilustre e muito excelente Senhora Infanta D. Beatriz, filha do muito alto e poderoso rei e senhor, o Senhor D. Manuel, rei de Portugal e Algarves de aquém e de além-mar, etc., e, agora depois que voltou Vasco da Gama – da conquista e navegação da Etiópia, Arábia, Pérsia, Índia... Ah! não ouvis o que vos digo! *(Vai atrás dele repetindo com muita pausa.)* A Senhora Infanta Dona Beatriz – Dona Beatriz parte no alteroso e soberbo galeão de teca, Santa Catarina do Monte Sinai, obra-prima da Ribeira das Naus de Goa, feita por calafates naires, carpinteiros samorins e mestres-velas sabaios. – Que Deus Nosso Senhor a leve a porto e salvamento. – E acabou-se tudo. Entendeis-me, Senhor D. Bernardim ou D. Binnardel... como quereis que vos chame?

(Bernardim, que tem estado distraído quase todo o tempo que falou Pêro Sáffio, repara apenas em uma ou outra palavra que o faz estremecer, inquieto e passeando à toa, e Pêro Sáffio atrás dele falando sempre: agora estaca de repente.)

BERNARDIM: Mofino de mim! Que farei em tanta desventura! Quem se viu já tão feliz e tão desgraçado! *(Repara no anel que traz no dedo e torna a beijá-lo muitas vezes.)* Doce penhor de uma esperança que mal eu via em sonhos – que me começa a parecer realidade, oh!, se é verdade o que prometes... Mas quê! Não foi este o sinal da despedida – última, derradeira! Que ventura pode haver para mim se não torno a vê-la! Que me fazem as memórias do prazer onde me não ficam senão mágoas! Fez-se-me o prazer mágoa maior; e já me pesa mais do bem que tive que do mal que me aguarda. Oh!, pensamento de minha alma, porque tão alto subiste! E, se tanto ousaste, porque não morres aí que te não torne a ver a terra!

PÊRO: Essa é minha opinião e voto em cortes. Que morra, já que para viver não é.

BERNARDIM: Amigo Pêro, tu sabes o meu segredo, o segredo da minha vida, o mistério inefável de minhas divinas tenções... Há segredos que matam: sabes? Que trazê-los na memória, é trazer a morte consigo – que deixá-los vir aos beijos é como sorver peçonha com eles. Entendes-me? Ver-nos-emos em Lisboa amanhã.

PÊRO: Sempre ao vosso dispor. *(Aparte.)* Maldito seja ele e o seu segredo! *(Alto.)* De manhã Pêro Sáffio vosso cativo; à noite, Marte, deus da guerra que vou às *Cortes de Júpiter*, no Auto assim intitulado de meu digno mestre Gil...

BERNARDIM: Basta com esse bobo de Gil Vicente e seus Autos, que já me enfadam ele, tu e vossas comédias, que assim trazem embelecada esta corte de comediantes, que de mais não cuidam. – Oh! sublime inspiração dos anjos, ardente linguagem de querubins, vida, fogo, amor, luz – cântico de serafins que amam e adoram, divina poesia! e por vilancetes de salões, por copias de jograis, saltimbancos te trazem prostituída! E assim, e só assim te conhecem e te entendem – que em tua singela e severa beleza não é para tais compreender-te! – Bem me chamam louco: devo de o parecer; não há dúvida. E até eu me tenho já por tal. Que importa? – Uma só vez tornar a vê-la; uma só vez ainda o Céu cá na Terra; e para que quero eu mais a vida!

PÊRO: Ouço vozes. – Hão-de ser os italianos que costumam madrugar aqui em Sintra para andarem embaçados por essas devesas. – Deve de não haver pedras nem despenhadeiros em Itália, para fazerem tanto espanto destes quebra-costas de Sintra. Bom será que o não vejam no pátio a esta hora. – (*Aparte.*) Aqui estou eu, sem querer: feito confidente e protegedor da mais perigosa aventura... que me pode custar... (*Afagando a garganta*) uma afinação de gorgomilo que nunca mais desentoe. – E que lhe hei-de eu fazer? – (*Alto.*) Senhor Bernardim, vem gente: creio que são os italianos, os embaixadores de Sabóia. Vá-se, por Deus, se não quer ser causador de grandes desgraças, se é que tem em alguma conta a fama, a vida, a honra de quem... de quem...

BERNARDIM: De quem não é para teus lábios nomear – para os de nenhum homem que queira viver um minuto mais. (*Lança mão ao punhal que traz no seio; Pêro estremece, e ele continua.*) Eu vou-me, Pêro. – A que horas é o Auto?

PÊRO: Às oito horas começará.

BERNARDIM (*como quem lhe acode de repente uma lembrança*): Levam máscara as figuras?

PÊRO: Máscara?... Só se for a moura – a moura encantada que vem no fim. É verdade, sim, de máscara há-de ir a moura Tais, a que entrega o anel à infanta-duquesa.

BERNARDIM: Como disseste? Um anel?

PÊRO: Pois não sabeis o enredo do auto, das *Cortes de Júpiter*, composto para este casamento e festas reais? As *Cortes de Júpiter*, coisa magnífica, são os deuses todos principais que se juntam em cortes no Céu para avisarem e concertarem no melhor modo e mais grandioso de ir ao bota-fora do galeão, e acompanhar a infanta-duquesa por esses mares abaixo; fazer-lhe leda e próspera a viagem, e a levar sã e salva a terras de Sabóia. (*Bernardim suspira, Pêro continua.*) Suspirais? Também eu; mas é porque ainda não sei de cor todo o maldito papel de Marte que me arrumaram. E Paula que faz a Lua! E eu ao pé dela! Temos eclipse, e perco-me; estou vendo.

BERNARDIM: Aviai já, e concluamos.

PÊRO: Agora, agora mano da minha alma. Hoje por vós, amanhã por nós: chegou-me a minha vez de ternura. – Mas isto comigo passa depressa. – Já lá vai. – Vêm então os deuses a cortes por ordem de Júpiter. Gil Vicente é o Júpiter desta feita; eu Marte, como já vos disse; Garcia Peres o Sol; Paula também já vos contei...

BERNARDIM: A Lua, bem sei, bem sei. Por vida tua acaba, homem. Juntam-se as cortes; falam muito, não fazem nada. Esse é o costume; sabemos. – Não me enfades mais.

PÊRO: Pois fazem alguma coisa desta vez as cortes (e não fique de mau exemplo:) distribuem os lugares para o cortejo da partida – e por fim desencantam a famosa moura Tais, filha do antigo rei do Algarve, mágica afamada; a qual moura tem um anel de condão que adivinha tudo; e o anel é obrigada a moura por Júpiter, creio eu, a entregá-lo à infanta minha senhora. Com o que acaba o Auto; e nós todos cantando e dançando coa linda chacota.

Por el rio me llevad,

bailando e folgando, nos vamos cada um a seu pouso. Senhores e damas ficam dançando no sarau. E eis aqui como amanhã à noite se diverte e passa o tempo o muito alto e poderoso rei D. Manuel de Portugal, e toda a sua corte.

BERNARDIM (*impaciente*): Bem, bem. Quem faz a moura?

PÊRO: A moura! Oh! isso é a mal-entrouxada de Joana do Taco. Aquele demónio, Deus me perdoe e eiramá a tome – que é tal como a Maria Parda das trovas de mestre Gil. Nunca tal papel fará em termos: se ela está sempre *De profundis!*

BERNARDIM: Folgaria bem o meu amigo Gil Vicente que outrem lhe aparecesse para a figura da moura?

PÊRO: Se folgaria!

BERNARDIM: Bem: não lhe digas mais nada.

PÊRO: Que lhe hei-de eu dizer se vos não entendo?

BERNARDIM: Não digas que falámos nisto. Cala-te que é o maior serviço que me podes fazer.

PÊRO: E acha que é pouco!

BERNARDIM: Não acho, não. Bem sei quanto te há-de custar. E mais será se falares, que a vida te custará. É grande o papel da moura?

PÊRO: Nada. Três ou quatro copias *pronunxiadas à moirixca* com muitos *axxes* e *exxes*. E o mais soez e ranço que ainda compôs mestre Gil.

BERNARDIM: Embora. – Canta a moura?

PÊRO: Não.

BERNARDIM: Óptimo. – Feliz, feliz lembrança!

PÊRO: Alegre estais! Tão pesado e triste ainda agora! – Dar-vos-ia no miolo ser comediante? Olhai que acertáveis: escorrito de tristezas vos prometo eu que ficaríeis. É a mais bela, mais ditosa profissão.

BERNARDIM: Tens razão, amigo: e a melhor, a mais útil que há. Oh! minha vida, que ainda uma vez te viverei. Uma só e derradeira! Mas que importa!

PÊRO: I-vos já, que realmente ouço vozes, e devem de ser os italianos. *(Vai ver.)*
– Eles são. Por vida vossa que não fiqueis mais aqui.

BERNARDIM: Até amanhã, meu Pêro. *(Abraça-o.)*

CENA IV

PÊRO SÁFIO *(só)*

PÊRO SÁFIO: Até amanhã! E dia de juízo seja esse amanhã para ti, mofino poeta namorado, que tão dolorido e saudoso és. E mais, saudades me não deixas: assim eu viva e com minha senhora Paula me case. – O pior é que ele tem razão. Eu sei – inda mal! – o terrível segredo que o atormenta. Maçã de ciência que se me atravessou no gorgomilo como a nosso pai Adão. Serpente que entraste no Paraíso, que tentaste Eva, quem me mandou a mim ver-te a falar? Se houve maçã que comer, não tive eu quinhão nela, que Pêro sou, e não é de pêros roer maçãs. Mas cá a tenho engasgada todavia. Tomara-me eu ver fora disto – ou fora daqui, e para bem longe quem causa tudo isto. – Vamos, vamos: casarás, amansarás. Seu marido de Sabóia que se avenha lá com esses debuxos. Que tenho eu com isso? O negócio é de Sua Alteza Ducal, não meu. – Oh! aí vem Monsior Chatel. Refinado sonso de italiano, vem, que em boa hora vens. Não hás-de ser tu, com toda a tua italianice ou saboiice, que me hás-de apanhar. – Sentido na língua, Pêro Sáfilo, meu amigo, que é o teu fraco, e o forte destes meninos embaixadores e de seus secretários. O tal Monsior Chatel cuida que os Portuguesinhos são umas crianças. Enquanto lá os embaixadores do duque – o Senhor Barão de Saint-Germain, todo galante e cortesão, o Senhor Doutor Passerio, todo grave como um Bártolo, andam intrigando com condes e marqueses e desembargadores do paço – vem o senhor secretário espreitar cá por baixo, e tirar língua pela sala da Tocha. Cuida que é a sala das Pegas ali dentro! Pois esta não há-de ser palreira, que capaz sou eu de me comer a língua se me ela comer muito – com a sua comichão costumada.

(Faz cortesia a Chatel que se vem chegando.)

CENA V

PÊRO SÁFIO, CHATEL

CHATEL: Belo dia, bela madrugada, Senhor Pêro! E já a aproveitastes bem. Tendes gozado a frescura da manhã neste delicioso sítio, creio eu. São de uma formosura sem igual as manhãs em Sintra. Na nossa Itália tão bela não há coisa que rivalize com este oásis, este jardim de delícias. – Tendes aí um papel que vos dá muito que fazer.

PÊRO (*que tem estado a fingir muita atenção ao seu papel*): É o meu papel de Marte para o Auto de amanhã. Estudo a solfa.

CHATEL: Ah! também admite o canto o teatro português! Verdadeiramente não se imagina em Itália, nem em França, como os Portugueses estão adiantados nas artes. O vosso Gil Vicente é um prodígio: prodígio natural – e também pouco cultivado. Se ele conhecesse os clássicos; se, como o nosso Ariosto, soubesse imitar Terêncio e Aristófanes; se aprendesse as regras de arte!...

PÊRO: Havia de ser um sensaborão insulso e insípido segundo a arte; havia de marcar seu engenho natural, e...

CHATEL: Pode ser, pode ser. O Dante também desprezou as regras – ou fê-las novas... – Com que, vamos amanhã até Lisboa. Vai toda a corte; não é assim? E o sarau há-de ser esplêndido. El-rei, a rainha, os senhores todos costumam dançar nestas ocasiões, ouvi eu. Mas é impossível que não haja – há-de haver um certo resguardo, escolha nas pessoas... Nós somos amigos cá sem cerimónia: (*Pêro Sáffio parece enfadar-se*) e entre amigos é que a gente fala nestas coisas... – Dizei-me. Estas damas que vão com a duquesa minha ama... são da primeira fidalguia, sem dúvida; e gentis são, bem vejo; – galantes e avisadas... Muito cortejadas haviam de ser por tanto mancebo ilustre, tanto guapo cavaleiro que anda na corte. Não é verdade?

PÊRO: Perguntai-me por autos e comédias, senhor secretário; que eu criado sou de el-rei, mas não curo senão deste meu mister de músico que Sua Alteza tanto estima.

CHATEL: E com razão, amigo Pêro, com razão. El-rei D. Manuel é um Augusto, um Leão X; bons exemplos segue.

PÊRO: El-rei de Portugal não é para tomar, senão para dar exemplos. E ainda nenhum príncipe lhe tomou a ele o de mandar descobrir mares e terras ao cabo do mundo.

CHATEL: Bem dizeis, amigo, bem dizeis. Nenhum príncipe fez tantos serviços à Cristandade! Assim ele não recusasse admitir o santo tribunal da Inquisição, que tão preciso lhe é. Mas tempo virá...

PÊRO: É o tribunal que queima a gente?

CHATEL: Os hereges, e os Judeus, meu amigo; não é a gente.

PÊRO: Boa vai ela! – E então el-rei não o quer?

CHATEL: Não se resolve. – Oh!, se fosse o príncipe D. João! Santo príncipe!

PÊRO: Abençoado seja el-rei nosso senhor! Deus o conserve!

CHATEL: É uma excelente e exemplar família a Real Casa de Portugal. – Que formosa e avisada não é a Senhora Infanta D. Beatriz, que amanhã será duquesa de Sabóia e minha ama! – O duque meu senhor há-de amá-la e respeitá-la como nunca o

foi princesa alguma. É a jóia mais preciosa que vai ter a coroa ducal de Sabóia.

PÊRO (*aparte*): E para engaste da jóia não leva mau ouro no dote. – Que nos levem estrangeiros, a troco de palavrinhas doces, o que tanto custa a ir desenterrar na Mina – a lavrar às espadeiradas na Índia!

CHATEL: Dizíeis?...

PÊRO: Nada. Repetia o meu papel de Marte.

CHATEL: É muito moça a infanta; e tem contudo um cabedal de instrução que admira. Lê muito – folga com livros de... cavalarias e cancioneiros... protege muito os homens de letras... – A propósito, que é feito do seu mestre de literatura e poesia? Homem de gosto; não era? E raro talento. Um tanto entusiasta, cuida eu. – E poeta? Não? Conheceis-lo? – Creio que ainda o não vi na corte. Não vem já ao paço. – Era moço, ouvi dizer, e gentil-homem, mas deixou-se do mundo, e foi viver como ermitão para a serra. – Dizei-me, Pêro amigo, conheceis este tal Bernardim Ribeiro, de cujos versos e prosas tanto se fala?

PÊRO: Conheço-o de o ver com Gil Vicente, a quem muito conversava.

CHATEL (*com vivacidade*): Ah! eram amigos?

PÊRO (*aparte*): Querem ver que disse alguma! O diacho te açaima a língua, Pêro de uma figa. – (*Alto.*) Hum! amigos... amigos... como homens de letras – já se sabe – oficiais do mesmo ofício.

CHATEL: Mas Bernardim é pessoa de nascimento, cavaleiro...

PÊRO: Sim é, mas dado e lhano; e nunca se correu de ser nosso amigo, e de nos tratar como seus iguais. – As letras... (*Aparte.*) Cala-te, maldito.

CHATEL: As letras, dizeis bem, são uma república em que não há distinções. – Mas, Senhor Pêro, este nosso literato ou poeta Bernardim, dizem que é homem de altivos pensamentos, orgulhoso...

PÊRO: De seu mérito, devia sê-lo; mas não é.

CHATEL: Bem, bem: tanto melhor... (*Ouvem-se as charamelas e saca buxas dos menestréis de el-rei.*) Que música é esta?

PÊRO: El-rei que sai. – Já por aí senti os falcoeiros; mas não me parece dia para caçar. É passeio talvez.

CENA VI

EL-REI DOM MANUEL, INFANTA DONA BEATRIZ, BISPO DE TARGA, GIL VICENTE, BARÃO DE SAINT-GERMAIN, DOUTOR JOFRE PASSERIO, PAULA VICENTE, GARCIA DE RESENDE, CHATEL, PÊRO SÁFIO, CONDE DE

VILA NOVA, DAMAS, FIDALGOS, ESCUDEIROS, MOÇOS DO MONTE, FALCOEIROS, *etc.*

DOM MANUEL: Não tornarás a ver tão cedo – talvez nunca mais – estes belos montes, esta verdura tão viçosa, estas águas tão frescas, Beatriz. Diz-lhes adeus, que bem to merecem, filha.

DONA BEATRIZ: E que saudades levo delas, meu pai! Oh!, ninguém é capaz de as sentir como eu.

DOM MANUEL: As saudades queremos nós para nós, eu e teus irmãos, e a rainha que tanto te quer. – Oh! e por saudades – (*Com intenção, e observando os embaixadores de Sabóia*) o nosso Bernardim Ribeiro, o homem das Saudades, que é feito dele? Não te vem beijar a mão, Beatriz; despedir-se de sua ama, que deixa partir tão despegadamente... Ora creiam em afeições de poetas! Belamente escreve de saudades e amores. Ninguém o fez melhor em nossa língua. – Não é assim, Garcia de Resende, (*Garcia de Resende inclina-se*) que depois que a ele tratou, parece outra? Mas estes escritores costumam-se a sentir e pensar com o papel e a pena; tirados daí, não são já os mesmos. – Se ele quisesse ir para a Índia, far-lhe-ia mercê. Carecemos de quem faça crónica de tantas gentilezas que por lá se obram. – Serás contente, Beatriz, que desenterremos o teu apaixonado, dessas brenhas por onde anda, e o tornemos ao mundo?

DONA BEATRIZ (*que suspira e estremece por vezes durante a fala de el-rei*): Meu senhor e meu pai, já que de mim dispusestes, e pois que Vossa Alteza me dá a outrem, não devo ter, nem tenho, pensamento ou empenho senão para minhas novas obrigações.

DOM MANUEL: Obrigações, vamos, e prazeres também: que hás-de ser uma ditosa e festejada noiva: esposa de um galante príncipe, senhora de grande estado, e feliz como merece a minha adorada Beatriz. – Não é assim, barão? (*A Saint-Germain, que se inclina.*) – Doutor Passerio, (*o doutor inclina-se*) a duquesa, vossa ama que há-de ser amanhã, é grande devota de letras e letrados: na vossa Itália, onde estão em tanta honra, há-de achar-se como em terra sua. PASSERIO: Todos receberão das inspirações de tão excelsa musa o incentivo para serem dignos dela.

CHATEL (*baixo a Saint-Germain*): El-rei que fala assim:

SAINT-GERMAIN (*baixo a Chatel*): Não há nada do que se pensava. A infanta é virtuosa e sisuda.

CHATEL (*aparte*): Será; mas aqueles olhos são de namorada – ou eu não sou genovês.

DONA BEATRIZ (*baixo a Paula Vicente*): Paula, eu sinto morrer-me. Se me não deixam, se continuo neste passeio, com este tormento – aqui ficarei de vez em Sintra – morro. Oh!, se o permitisse Deus!

PAULA (*baixo a D. Batriz*): Animo, senhora! vede el-rei que parece conversar com Garcia de Resende – e que não tira os olhos de nós.

DOM MANUEL: Doutor Jofre Passerio, respondido como digno poeta italiano – sempre brilhante! Também fazeis traição a Bártolo – cá me disse Garcia de Resende. – Hei-de-vos denunciar ao reverendo Bispo de larga que presente se acha, e a quem também às vezes sucede trocar-se-lhe o breviário pelo Virgílio. Não é Virgílio, meu digno prelado?

BISPO DE TARGA: O exemplo de Santo Agostinho...

DOM MANUEL: Bem sei – e que era bispo africano como vós –mas cansava-se um tanto mais com as suas ovelhas getulas e húmidas. – Não é assim, Garcia de Resende? (*Garcia de Resende inclina-se.*) Lá ides para Itália, Senhor Bispo; e o Santo Padre que compeña essas coisas. Sua Santidade folga com versos latinos. Se lhos não quereis fazer, aí tendes André de Resende que vo-los fará como qualquer poeta pontifício. – E André que os faz em todas as línguas, cuida eu. – Mas perdoem-me todos, que para mim ninguém compõe trovas que tão bem me saibam como o nosso Gil Vicente nos seus Autos – que são meu único refrigério e distração de tantos cuidados e trabalhos. – Gil Vicente, vinde cá, homem, não vos escondais, que sois homem para se mostrar em qualquer parte. Todos aqui são vossos amigos. Receais que o *Auto das Barcas* vos pusesse em mau cheiro para além dos Alpes? Estes cavalheiros são de Sabóia e não mandam dizer nada para Roma.

GIL VICENTE: Vossa Alteza bem sabe que não sou medroso. Quando eu fiz o *Clérigo da Beira*...

DOM MANUEL: Essa é a melhor farsa que nunca fizeste.

GIL VICENTE: Nunca me escondi de priores nem de cónegos, e mais...

DOM MANUEL: E mais não lhes faltaria vontade de te ensinar.

GIL VICENTE: E no dia depois do *Juíz da Beira* jantei com dois desembargadores dos agravos. Tudo pode o exemplo de tolerância e liberdade com que Vossa Alteza nos ensina a todos.

DOM MANUEL: Barão, podeis dizer em Itália que nem só de marfim e especiarias se trata na corte de Lisboa. Trazemos guerra, e mandamos nossos galeões a pelejar e traficar, nas quatro partes de que hoje –graças aos nossos pilotos! – se compõe o mundo; mas em casa cultivamos as artes da paz.

PASSERIO: Os soberanos de Portugal são a admiração do universo. Mas Vossa Alteza não se digna permitir que os nossos pilotos genoveses reclamem alguma parte na glória marítima de suas descobertas?

DOM MANUEL: Por Deus! que bem pouca lhes poderemos conceder, Misser Jofre. Aqui esteve Cristóvão Colombo; e a falar a verdade, grande navegador era e homem de altos pensamentos e ânimo grande. Mas os nossos cosmógrafos não entendiam (e tinham razão) que fôssemos cometer tamanhos riscos para ir encontrar terras do Tártaro. Que a essas ia, e essas cuidou descobrir o vosso Colombo, que supunha o nosso globo mais pequeno do que lhe ele saiu. – E assim mesmo, se não fossem os papéis de

Perestrelo que levou para Castela, não seriam hoje tão aumentados os Estados do imperador meu cunhado. – Nós não fomos perguntar a Génova ou a Veneza como se dobrava o Cabo das Tormentas – nem Pedr'Álvares descobriu a terra de Santa Cruz pelos roteiros de Colombo e Vespúcio. – Mas isto é tarde. A manhã não está para gaviões. Daremos uma volta passeando. – Amanhã em Lisboa não faltarão negócios. Monteiro-mor, mandai embora os falcoeiros.

(Dona Beatriz senta-se em um poial de pedra como quem está angustiada. Todos a rodeiam.)

DOM MANUEL: Que é isso, Beatriz? Cansámo-te com tanta conversa aqui parados, não é assim?

DONA BEATRIZ: Não estou boa; passei muito mal a noite. Se Vossa Alteza me permite, ficarei em casa. Não é nada: estou fraca, e custa-me ir passear.

DOM MANUEL: Fica embora. Deixar-te-ei o conde de Vila Nova... ou o bispo para te fazerem companhia.

DONA BEATRIZ: Não, meu pai, não preciso de tanta gente. Paula ficará comigo, e é quanto basta.

DOM MANUEL: Senhor Bispo capelão-mor, ficai com vossa ama. Adeus, filha; não tardaremos.

CENA VII

DONA BEATRIZ, PAULA VICENTE, BISPO DE TARGA

DONA BEATRIZ *(levantando-se)*: Senhor Bispo capelão-mor, é nossa real vontade ficarmos aqui sós com Paula Vicente, nossa criada. Vossa Reverência há-de ter provavelmente as suas devoções... BISPO DE TARGA: Tenho, minha senhora; e obrigações também: agora principalmente a de obedecer a Vossa Alteza. *(Beija-lhe a mão, e parte.)*

CENA VIII

DONA BEATRIZ, PAULA VICENTE

DONA BEATRIZ: Eu abafo, Paula, estalo! – Sinto que se me esmaga o peito debaixo deste peso. – Ai meu Deus! – Tu ouviste o que aquele homem me disse esta noite? Ouviste tudo? – Que homem, que louco; mas que amor! Mas que alma, mas que coração aquele! – Sabes que mais, Paula? Eu amo-o como ele me ama.

PAULA: Já o sabia.

DONA BEATRIZ: Quem to disse? Não eu.

PAULA: Não.

DONA BEATRIZ: Nem ele, que o não sabe. – Espera, adivinha... E eu que lho encubro, Paula!

PAULA: Muito bem, dando-lhe um anel em sinal de fidelidade e...

DONA BEATRIZ: E amizade, Paula: pois não há fidelidade entre amigos também? Tomara-lhe eu dar a minha vida, o meu sangue, e tudo quanto sou e valho. – E mais ainda lhe ficava devedora. Oh! como aquele infeliz me ama!

PAULA: Mas casai-vos amanhã.

DONA BEATRIZ: Meu Deus, meu Deus, Paula, que lhe hei-de eu fazer? – Que farias tu no meu caso?

PAULA: Oh! cá eu é muito diferente. Quem não é princesa...

DONA BEATRIZ: Que faz, Paula?

PAULA: Morre.

DONA BEATRIZ: Morrer! Tomara eu. Mas meu pai...

PAULA: Aquele homem era digno de melhor fortuna.

DONA BEATRIZ: Fortuna, fortuna! Que me importa a mim com a fortuna, ou a ele? Amor, amor é que nós precisamos... Paula, minha querida amiga, se eu pudesse vê-lo outra vez! Se tu quisesses...

PAULA: Eu!

DONA BEATRIZ: Tu; que não temos outro ninguém que nos valha; tu que juraste proteger-nos, tu que...

PAULA: Eu que sou...

DONA BEATRIZ: A minha amiga, a minha verdadeira amiga. Paula, quero vê-lo. Aquela despedida de ontem não me basta. Amanhã serei italiana; hoje sou portuguesa ainda, pertença-me a mim. Que me pode suceder? Morrer, matarem-me?

PAULA: Difamar-se, perder a honra!

DONA BEATRIZ: Isso nunca. Sou filha de el-rei Dom Manuel, sou uma infanta de Portugal, sei o que devo a mim e aos meus.

PAULA: A maledicência não poupa os príncipes.

DONA BEATRIZ: Porquê? Já o vi, já lhe falei alguma vez que não estivesses tu ao pé de mim? Não ouves quanto me diz, não lês quanto me escreve?

PAULA (*aparte*): Inda mal!

DONA BEATRIZ: Há maledicência, há calúnia que possa manchar amores tão inocentes?

PAULA: Inocentes! Vossa Alteza é desposada, e ele é...

DONA BEATRIZ: Não digas, Paula, não digas, que me matas. Tem dó de mim. Vamos, minha amiga, vamos ao meu quarto, e concertaremos... Oh!, meu Deus, que eu não resisto; morro, morro desta angústia!

ACTO SEGUNDO

Os paços da Ribeira. Grande saião no estilo de Belém: é gótico florido inclinando fortemente à renascença. Tochas e placas com luzes.

CENA I

PAULA VICENTE *só*, GIL VICENTE *de dentro*, depois um pajem mourisco

Paula, vestida de túnica e manto roçagante está sentada ao pé de um bufete e como absorvida em profunda meditação. Sobre o bufete coroa e ceptro – alguns papéis.

PAULA: E aqui está a minha vida! O que eu sou, o que eu valho, o para que me querem – uma comediante!... É o meu destino, vivo para isto, nisto se gasta uma existência. – E deu-me Deus alma para compreender a vida! Sente-me o coração, concebe-me o espírito quanto podia, quanto devia ser alta e sublime a minha missão na terra – e pobre, e sujeita, e humilde, e mulher sobretudo... até estas aspirações me são vedadas, hei-de afogá-las; hei-de afogá-las, hei-de enterrá-las no peito antes que ninguém saiba que nasceram, e cobri-lo de leviandades e abjecções para não ser criminosa ou ridícula!

GIL VICENTE (*dentro*): Paula!

PAULA: Meu pai!

GIL VICENTE (*dentro*): Ouve cá, filha.

PAULA (*levantando-se*): Eu vou, meu pai. – Mais algum aborrecimento com esta maldita comédia! Comédia, comédia! Tudo é representar e fingir nesta vida de corte. Que fosse para os grandes em quem é natureza, não lhes custa. Mas para os pequenos também... é suplício. – Aqui está a minha coroa, o meu ceptro: vou ser rainha meia hora; vou ser grande, vou ser admirada, aplaudida, festejada meia hora. (*Pegando na coroa.*) E de ouripel o meu diadema: os outros de que são? – Acabada a comédia valem mais do que este? – Oh!, vida, vida!

GIL VICENTE (*dentro*): Paula, que é tempo de começar o ensaio.

PAULA: Estou estudando a minha parte.

GIL VICENTE (*dentro*): Pois avia.

PAULA: Quem tivera aquela paixão de arte que o domina, aquele entusiasmo pela beleza ideal desse mundo de ficções que se criou e em que vive; aquela cegueira ditosa que lhe não deixa ver a miserável realidade que o cerca! Meu pobre pai, como ele vive enganado! Inda bem. – Cuida que o avaliam, que o entendem. As sublimes criações do seu engenho, as graciosas pinturas de seu estilo, aplaudem-nas. Como, porquê? – Porque é moda, porque os fazem rir às vezes. Sem o salvo-conduto de bobo e chocarreiro, morria de fome o grande poeta. – Não o conhecerá ele? Às vezes desconfio

que sim: quer-me parecer que de propósito busca iludir-se, e foge da realidade porque a teme. – Assim fizera essoutro infeliz, essoutro espírito elevado que de suas imaginações tão altas aí se despenhou agora. – Que duas almas tão semelhantes e tão diversas!

(Entra um pajenzito mourisco e entrega-lhe um bilhete.)

Um bilhete! De quem? *(O pajem faz sinal de não saber.)* – Agora verei. *(Abre e lê.)* Ah! sim. – Já me admirava, desde esta manhã que chegámos de Sintra, não ter novas dele. – Veio, está aqui. – Isso esperava. – Está bom, *(ao pajem que logo se retira)* podeste ir. – Que me quererá ele? A mim deseja falar por acaso de vida e de morte... e a meu pai também! E não se esconde de Pêro; antes parece... *(afirma-se na carta)* que dele faz confidência. Grande estranheza! – *(Torna a olhar para a carta.)* Não assinou o prudente cavaleiro. Nem era preciso; bem sabe como lhe conheço a letra. – Oh! e quem se havia de enganar com este teor de escrever! Mas que viesse de outra mão, só Bernardim Ribeiro podia escrever assim. *(Lê.)* «Se me não desamais já tanto, que me queirais ver morto de paixão e angústia, fazei com que vos possa falar já, nesta hora, e a sós com vosso pai. – Não é segredo para o nosso bom Pêro. – Sabeis que vos amo... *quanto quereis*, e que vos mereço compaixão.» *(Fala.)* Que vos amo quanto quereis! – Porque enjeitei seu galanteio atrevido, porque eu, Paula Vicente, a filha do comediante, do jogral, do chocarreiro – como lhe eles chamam ao maior poeta que ainda teve esta nação de bárbaros – porque eu, eu filha do poeta pobre, não quis aceitar o cortejo do poeta senhor e cavaleiro... – cuida que o não amo, o louco! – Que mal entendem o coração da mulher estes homens dos livros – e eles todos! – Que o não amo, que não quero o seu amor, que me contento desta amizade que fingimos entre nós, ele para cobrir sua indiferença, eu para enganar minha paixão! – Eu, eu que daria a vida para ser amada *(mas amada – requestada, não)* por um homem como Bernardim! – Que o não amo! Eu que me sinto ralar de ciúmes cada vez que penso... – É bela, é grande dama. Não representa nas comédias de seu pai – noutras o fará – não diverte o público – é senhora, rica e poderosa... Mas quem lhe deu alma para entender aquela alma? Ah! – Aí vem meu pai e toda a caterva do Auto. Dissimulemos.

CENA II

PAULA VICENTE, GIL VICENTE, PÊRO SÁFIO, JOANA DO TACO, ACTORES e ACTRIZES *(Uns já vestidos para o Auto, outros acabando de se preparar.)*

GIL VICENTE: Se to digo, Joana, desastrada Joana, que em má hora me meti a fazer-te moura.

JOANA DO TACO: Tão boa cristã sou eu?

GIL VICENTE: Não eras má, não. Judia serás tu por mal-pecados, que assim judias comigo. Mas o que tu não hás-de nunca ser, é uma moura capaz que se mostre, moura que fale mourisco, que saiba o seu papel, que possa aparecer num auto, que possa dizer com graça e chiste:

Exte anel de condón
Perguntalde box a el,

Y el dará a box razón
De quantos xacretos xon.

Ora anda lá, mal-amanhada, repete isto.

JOANA DO TACO (*repete muito sensabormente*):

Exte anel de condón
Perguntalde box a el...

Não sei; não me lembra. Dai-me outro papel, que me não avenho com este.

GIL VICENTE: Oh!, excomungada mulher, negregada Joana do Taco (que um taco de Belzebu te carambole na alma!), pois a esta hora, nós já vestidos, a corte aí junta toda, el-rei que não tarda a aparecer –a esta hora te daria eu outro papel! – Que vos parece, mana, que estou tonto? – E como, e que papel te havia de eu dar, mal-entrouxada?

JOANA DO TACO: O de *Providência*, que é para que eu tenho jeito. Coisa heróica e grande. Isto de fazer rir não sei. Ali está Paula, que fazia a *Lua* e que não descansou enquanto não apanhou a *Providência*. – Paula que faça este papel. Eu não quero; tenho dito.

GIL VICENTE: Mofino de mim! Em que dia! Nestas vodas reais! – E os italianos, que é o que me dá mais cuidado, queria-lhes mostrar que coisa é um Auto português – que vissem quem é Gil Vicente. Castigo de Deus! – Paula?

PAULA: Já vou, meu pai. – Estou aqui... (*Torna a ler a carta.*)

PÊRO: Oh! bilhetinho! Que curiosidade tamanha!

(*Anda à roda de Paula a ver se percebe o que é, e rosnando a cantiga.*)

À minha dama lhe escrevem
Os galantes cada dia;
Ela, que a mim só queria,
A mim só me respondia. Tra le, la re.

PAULA: E mais a este também. – E sois vós, Pêro, que lhe ireis levar a resposta.

PÊRO: Beijo-vos as mãos pela mercê. – Assim me encartais em ofício de boa lotação!

PAULA: E não menos honra: – correio-mor de minhas cartas e alvissareiro de meus favores. – Olhai, dizei a meu pai que venha cá, que deixe essa pasmaceira. Temos que falar todos três aqui em segredo. Ide já.

(*Pêro Sáfilo vai para Gil Vicente e lhe fala ao ouvido.*)

GIL VICENTE (*meio enfadado*): Então que queres, filha? Que quer este homem

com os seus segredos? – Há uma hora que quero começar o ensaio geral; e é sempre isto. Uma vez faltas tu, depois é este, logo aquele. – Agora temos negócios particulares. – Que é, que é? É o vosso casamento? Já disse que sim: não me apoquentem mais; não estou agora para casamentos.

PAULA: É isso, é!

GIL VICENTE: Queres este sensabor, tu? – Dou-to: lá te avém, e acabemos com isto. (*Olha para Pêro Sáffio com complacência.*) Representou como um homem o papel de Aires Rosado. Entendeu-me o magano. Desde esse dia fez de mim quanto quis. – Mas agora, aqui, a estas horas...

PAULA: Bem cuidamos dessas frioleiras agora. – Meu pai, está ali fora no cais Bernardim Ribeiro que me escreve este bilhete. (*Dá-lho.*) Mandai retirar essa gente; e Pêro o irá buscar, que venha já.

GIL VICENTE: Filha da minha alma, mas tu não sabes que este homem está doido? Varrido, perdido! E não o vês nesta carta? – Queres que nos ponhamos agora a palestrar com doidos a estas horas? – Todos aí fora à espera do Auto. El-rei que não tarda a mandar-me recado. A infanta – quero dizer, a Senhora Duquesa que hoje é, e que não está nada boa – que se quer acomodar cedo e que o sarau não deite a muito tarde. – E eu perdido, perdido sem uma moura! Joana do Taco não sabe o papel – e parece-me que está borracha, Deus me perdoe!

PAULA: Deixai; que em piores nos temos visto, e sempre nos saímos bem.

GIL VICENTE: Não hoje, Paula, não hoje: tenho cá uma coisa que me diz, uma coisa que me agoura mal deste auto da infanta. Desde Sintra que ando com esta freima. Gil Vicente, hoje ficas mal, meu amigo.

PAULA: Então, meu pai?

GIL VICENTE: Que eramá tolhesse os doidos, mais quem...

PAULA: Mandai agora buscar esse homem, que à fé de quem sou, não farei eu de *Providência* se lhe não falo, e já.

PÊRO: A peito o tomais, Senhora Paula!

PAULA: Tomo-o como quero e é minha vontade. – Ide vós já ao cais, aí achareis um homem de capa caída e chapéu de romeiro: trazei-mo aqui aforado, que o não conheçam os moços do monte e escudeiros que aí estão fora. Ouvis? – É uma figura que vem para o Auto, se perguntarem.

(*Pêro Sáffio parte de má vontade.*)

GIL VICENTE: Assim o quer a senhora minha filha, assim o manda: seja feito. – Vão-se, vão-se embora.

(*Retiram-se os actores todos.*)

CENA III

GIL VICENTE, PAULA VICENTE

GIL VICENTE: El-rei que fique sem auto.

PAULA (*passando com enfado*): Tem auto de mais.

GIL VICENTE: A Senhora Infanta-Duquesa que se amofine.

PAULA: Amofinada seja ela! – Pelo bem que lhe eu quero...

GIL VICENTE: Paula, Paula, a ingratidão é a coisa mais feia que há. – Hei-de fazer um Auto da ingratidão... (*pensando*) em que há-de figurar... o Diabo, pai da Mentira... com sua neta D. Ingratidão... Dona, sim, com dom – que é vício mais azado de andar pelos grandes. – Mas tu bem pequena és, Paula, e por essa parte tinhas serviços decretados para condessa – pelo menos.

PAULA: Condessa, condessa – duquesa... – Que são elas mais que eu?

GIL VICENTE: Boa vai ela! – Estás nos teus dias, Paula. – Ora vem cá: pois aquele anjo da infanta que te trata como sua igual, que não pode viver sem ti – que tu és a sua maior amiga?...

PAULA: Amiga!

GIL VICENTE: A confidente de seus segredos...

PAULA: E quem lhos pede os seus segredos? Quem lhos quer saber os seus Reais segredos, os seus segredos de princesa? – Que os diga às da sua igualha...

GIL VICENTE: Que todavia não são mais que tu...

PAULA: Não por certo; – nem tanto: – que eu sinto, penso, entendo – sei – vivo! – E elas existem para aí.

GIL VICENTE (*com entusiasmo*): Oh! tu és a minha Paula, o meu braço direito, a minha musa. Sem ti que fora da reputação de Gil Vicente que já assombrou João de la Encina, que já não tem a quem temer para cá dos Pirenéus, e depressa irá desafiar esses poderosos de Roma e de Florença. – De ti me vem quanta inspiração grande tenho tido, por ti tem brilhado na cena. Oh!, minha Paula! –As sim te quero eu...

PAULA: Como à vossa melhor comédia. – Não falemos hoje de amizades ou de amores, que não estou em veia de amar.

GIL VICENTE: Oh!, Paula, Paula, como me dirás tu aqueles versos da *Providência!*...

PAULA (*secamente*): Que eu fiz.

GIL VICENTE (*ressentido*): Que fizeste, não há dúvida, foste tu; quem to nega? – Fizeste-los – para glória de teu pai. – Que te criou (*com as lágrimas nos olhos*) que te trouxe ao colo – que te serviu de pai e de mãe... – Levou-no-la Deus, tua mãe – e eu fiquei para velar as noites ao pé do teu berço, roendo nas unhas muita noite de Inverno, e fazendo trovas enquanto dormias, acalentando-te quando rabujavas. – Fizeste, Paula, são teus os versos: e eu que em ti pus minhas esperanças, ensinei-te quanto soube, dei-te mestres de tudo. Poucos letrados sabem tanto em Portugal: disso presumes e tens razão: mas eu é que te fiz o que és, minha filha; cuidei que te lembravas mais disso que dos versos que compunhas...

PAULA (*chorando, e abraçando-o*): Perdoai-me, meu pai; perdoai-me, que não sei ora o que digo. Devaneia-me esta pobre cabeça de tanto padecer e sofrer.

GIL VICENTE: Pois que tens tu, minha filha, minha querida filha? – Tudo está perdoado. Eu sei quanto te devo; e nunca me esqueço, Paula, nunca. – Mas há-de representar logo. Não?

PAULA: Sim, meu pai.

GIL VICENTE: Há-de-me entrar por aquela sala dentro, de ceptro na mão, coroa na cabeça – a túnica roçagante – a cauda sobraçada. – E os italianos embasbacados – corridos, metidos num chinelo de mouro. – E tu bela – mais bela de teu espírito e formosura de expressão e alma que... (*abaixando a voz*) – que essas condessas – princesas e infantas todas. – E quanto tu dizes (*Declama com ênfase*):

Júpiter há-de fazer
Cortes logo em um momento;
Porque Deus me deu a mim
Que o fizesse rei do mar
E dos ventos outrossi,
E dos signos. Venha aqui
Para logo começar.

(*Falando.*) – Bravo, bravo! Que o façam melhor em Florença ou em casa do Papa.

CENA IV

GIL VICENTE, PAULA VICENTE, PÊRO SÁFIO, e BERNARDIM RIBEIRO, *que entra embuçado e de chapéu desabado, como no 1º acto.* – Paula estremece, Gil Vicente impacienta-se: *observam-se todos alguns segundos.*

GIL VICENTE (*indo para ele como quem descobriu alguma coisa*): Meu amigo, já adivinhei o que queríeis. Ver o Auto: hem? Andais arredio da corte – não sei porquê: tanto vos querem todos – e a nossa infanta, a nossa querida infanta, que isso era por de mais! – Princesa e trovador... E o que vale, que não fica mal, senão tinham que falar linguarudos. – Mas enfim é jeito que tomastes, fugis de todos. – Ora pois, quereis ver o Auto, e não quereis que vos vejam. Sou o vosso homem. Próprio tenho um lugar de

amigo para um escudeiro embuçado e encapelado, que pode ver tudo, e não o ver ninguém a ele. – Vá por santo Apolo e suas manas. – Vós sois quase do ofício, que também rimais, senhor cavaleiro: (*Canta*)

Trovador, por minha dama
Me fiz trovador.
Que não fará quem ama
Por seu amor!

Rimais, e como os mestres. Assim, a propósito, vede-me estas coplas, este romance da partida da infanta, que logo se há-de cantar...

PAULA (*significativamente para Bernardim*): E chorar; que...

GIL VICENTE: E são para isso as coplas. Por menos tenho visto mais. (*Repete com animação*):

Niña era ia Infanta,
Dona Beatriz se decía,
Nieta del buen rey Hernando,
El mejor rey de Castilla,
Hija del rey Don Manuel
Y reina Dona Maria,
Reys de tanta bondad
Que tales dos no había.
Niña la casó su padre
Mui hermosa a maravilla
Con el duque de Saboya
Que bien le pertenecía,
Señor de muchos señores,
Más que rey es su valia...

PAULA (*com impaciência e olhando para Bernardim*): Basta, meu pai: logo nos fartaremos disso. Agora vejo que *enfadam* e estão *mortificando* essas vossas coplas.

GIL VICENTE (*aparte a Paula*): Porque não são tuas estas, Paula. – Valha-te não sei quê, rapariga.

PAULA (*a Gil Vicente*): Sim, nisso pensava eu agora; é o que me dá cuidado. (*A Bernardim.*) Já vedes que tendes lugar para ver o Auto.

BERNARDIM (*desembuçando-se e levantando o chapéu*): Não é ver o Auto que eu quero, é entrar nele.

GIL VICENTE: Como assim!

PAULA: Praz-lhe ao Senhor Bernardim Ribeiro zombar de nós e de nossa humilde profissão.

BERNARDIM: Não sei dela mais nobre, meus amigos. Sois criados de el-rei, de

um príncipe que sabe a valia das artes, que estima e cultiva as letras...

PÊRO: E premeia como vemos aos seus cultivadores...

BERNARDIM: Mesquinhas de ruins conselheiros e de soberbos invejosos. El-rei é liberal, e o será convosco. Cultivais uma gentil arte...

PÊRO: Já é gentil!

BERNARDIM: Sempre e quando quer que se não prostitue, como todas as artes, como todas as coisas deste mundo. – Vós, digo, cultivais uma gentil arte, honrais e aformoseais a língua; sereis a glória dos nossos e a inveja de estranhos: que mais é preciso para ser nobre e grande – maior que ninguém na tua terra?

PAULA: Adular os grandes e oprimir os pequenos...

BERNARDIM: Paula, a bela e a desdenhosa Paula está de uma severidade – que lhe fica bem decerto – que lhe dá uma expressão...

PÊRO: Satânica...

BERNARDIM: Enérgica...

PAULA: Dá-lhe a que me praz dar a boa ou a má cara que Deus me deu, e de cujas feições se não trata agora.

BERNARDIM (*a Paula, galanteando – que lhe volta a cara*): Mil perdões se... – Amigo Gil Vicente, peço-vos um papel no vosso auto. Alguns tendes com máscara, dai-me um desses. Verei assim tudo, sem me verem ou me conhecerem; e tenho o gosto, porque sempre suspirei de vos ajudar em vossa bela empresa. Dai-me já o papel e o vestido.

GIL VICENTE: Que capricho é este? Estais deveras?

BERNARDIM (*ao ouvido de Paula*): À fé que estou. Não tenho outro modo de a ver, de lhe falar. Juraste ajudar-me, prometeste ainda ontem ser fiel a ambos. É preciso que me dêem o papel da moura, que seja eu quem lhe entregue o anel...

PAULA (*afastando-se um pouco, aparte e com impaciência*): E quer a sorte mofina que seja eu quem por minhas próprias mãos me esteja dilacerando assim! – (*ABernardim.*) Farei como quereis. (*Alto.*) Meu pai, temos um bom achado. Joana do Taco vos perderia o Auto: daremos o papel a este cavalheiro, que o fará à maravilha.

GIL VICENTE: Oh!, se ele quisesse!

BERNARDIM: Como vos hei-de dizer que quero? – Venha máscara e vestido.

GIL VICENTE: E o papel? Inda o não vistes.

(*Pêro Sáffio lhe traz uma espécie de opa larga, um turbante e uma máscara.*)

BERNARDIM (*enfiando a opa e cingindo-se*): Já sei tudo o que hei-de dizer.

GIL VICENTE: Quem vo-lo ensinou?

BERNARDIM (*ainda vestindo-se e distraído*): Não se ensina, não se aprende – sente-se... Louco que eu sou! (*Olha para Gil Vicente que está pasmado.*) – Ensinou-mo Paula.

PAULA: Estais enganado: reflecti no que dizeis... Não é comigo.

BERNARDIM: Pois então foi Pêro. – Pêro foi, Pêro Sáfiu. Por sinal que tem muito *xe, xe* mourisco, muito trejeito. – Farei tudo.

GIL VICENTE: Ótimo! Assim é, assim é. Vesti-vos pois, que é tarde. – E vamos. Ó lá de dentro! Ensaio geral.

CENA V

Os MESMOS e os ACTORES todos entrando

GIL VICENTE: Cada um a seu lugar. Acolá está el-rei, a rainha, os infantes – os embaixadores – ali a corte. – Tocam os charaméis. – Silêncio geral. Vamos. – Porte, dignidade – um ar majestoso e grande. *Cortes de Júpiter* é o título da nossa comédia. Deuses e deusas: não há doutra gente aqui. – Paula, tu sabes que és a *Providência*, que vais ordenar a Júpiter que chame a cortes os regedores de todas as coisas, o deus do mar, o dos ventos, da guerra, Sol, Lua, estrelas.

BERNARDIM: Providência! De molde lhe vai a esta altivez natural e génio sobranceiro. – Dizia-me Pêro que éreis a Lua.

PAULA: Não me contento de luz emprestada, senhor cavaleiro.

BERNARDIM: Porque da própria sabeis quanto brilha.

PÊRO (*aparte*): Em quarto minguante me saiu a tal Lua. – (*Alto.*) Juraria que esse era o papel da Senhora Paula. Nos primeiros ensaios em Sintra...

BERNARDIM: Fostes Diana em Sintra?...

PAULA: Para castigar Actéon.

BERNARDIM: E sois a Providência em Lisboa?...

PAULA: Para o salvar de seus próprios mastins.

BERNARDIM: Sempre bela e discreta!

PAULA: Deixemos este tom de galanteria, senhor cavaleiro. Não vos fica bem a

vós, e sabeis que me não agrada a mim.

BERNARDIM (*aparte*): Porque não havia de eu amar esta mulher!

PAULA (*aparte*): Meu Deus! Se este homem me amasse!

GIL VICENTE: Assim foi, Pêro; dizes bem. Mas em Sintra ainda eu não tinha pensado no prólogo. O prólogo – vês tu – é a exposição e clareza de tudo. Para estas grandes entradas quer-se majestade, desembaraço, um não sei quê solene na voz e no gesto. Só a minha Paula. Paula, minha filha, vamos pois. (*Tomando a atitude e declamando*):

Eu Providência chamada
Sou por Deus ora enviada...

PAULA: O meu papel todo agora! Oh! isso é impossível. Tirava-me o ânimo de o repetir logo. Demais o tendes ouvido todos. Fazei de conta que está dito.

GIL VICENTE: Bem, bem: como quiseres; – Júpiter? Venha Júpiter... Ah! sou eu mesmo. (*Em atitude como quem entra na cena*):

Eis-me aqui, alta senhora;
Que quer Vossa Majestade?

PAULA: Que passemos avante. De vós estamos certos. – O mar?

GIL VICENTE: Mar, ventos, Norte e Nordeste? (*Acodem várj actores.*)

PRIMEIRO ACTOR: Aqui estou.

SEGUNDO ACTOR: E eu.

TERCEIRO ACTOR: Pronto.

GIL VICENTE: Sol?

QUARTO ACTOR: Aqui nasço, ou aqui me ponho, segundo mandardes.

GIL VICENTE: Nascei, homem. – Nada de ocasos. – Lua, Vénus?

PRIMEIRA ACTRIZ: Eis-me.

SEGUNDA ACTRIZ: Pronta.

GIL VICENTE: Excelente! – Belas, galantes estais. Que viva toda a corte celestial! Como vêm guapos! – Marte? – Oh! Marte, o nosso Pêro Sáffio.

PÊRO (*entrando em cena e declamando*):

Humilho-me a vós, sagrado

Júpiter. Que me mandais?

GIL VICENTE (*do mesmo modo*):

Vós sejais mui bem chegado
A estas Cortes Reais.
Manda ei-rei de Portugal,
Senhor do mar Oceano,
Sua filha natural
Per conjunção divinal
Pelo mar Meio-Terrano.

PÊRO (*como acima*):

E mais eu tenho cuidado
Deste reino lusitano:
Deus me tem dito e mandado
Que lho tenha bem guardado
Porque o quer fazer Romano...

PAULA (*interrompendo-os e parodiando o tom da declamação*): E a Providência divina, que está secadíssima de ouvir as conversas sensabores destes deuses pagãos, ordena que vos caleis já, e guardeis isso para logo.

PÊRO: Pois nem sequer hei-de repetir o meu romance?

Niña era la Infanta,
Niña la casó su padre
Con el duque de Saboya?...

PAULA: Não.

PÊRO: E que no fim dele é que entra a moura.

PAULA: A moura que estude o seu papel. O papel é curto: vede, são duas palavras. (*Busca no bufete um papel, e o dá a Bernardim.*) E que o diga o melhor que puder. Vamos; e acabemos com isto antes que nos acabe a paciência a todos.

CENA VI

UM PAJEM DE EL-REI, *os* MESMOS

Bernardim Ribeiro põe a máscara em vendo o pajem.

PAJEM: El-rei meu senhor entra para a sala do dossel. Manda o mordomo-mor que se aprontem as figuras, e que saia o Auto.

GIL VICENTE: Vamos.

(Saem todos alvoroçados, precedidos de Gil Vicente e do pajem. Paula depois de todos. Bernardim Ribeiro fica como suspenso.)

CENA VII

BERNARDIM RIBEIRO, *depois* PAULA VICENTE

BERNARDIM *(tirando a máscara)*: Incrível! Incrível o que está passando por mim. Eu nos paços da Ribeira com estes trajos! Eu diante da corte toda representando um Auto de Gil Vicente! Eu...

PAULA *(tornando a aparecer)*: Se vos arrependeis, ainda é: tempo.

BERNARDIM: Nunca. Se de outro modo a não posso ver! – Oh!, querida Paula, tu és decerto a minha Providência. Bem te acertaram o nome nesta noite. Que seria de mim sem a tua protecção!

PAULA: O mesmo que com ela. Amanhã parte a frota ao romper da alva. E que fareis?

BERNARDIM: Que me importa amanhã? Eu vivo para hoje, vivo para esta hora. Que se me dá a mim que acabe o mundo depois!

PAULA *(aparte)* Muito a ama!

BERNARDIM: Paula, minha Paula, tu assististe à fatal cerimónia?

PAULA: Fomos todos à sé. Casou-os o arcebispo. El-rei estava muito comovido...

BERNARDIM: E ela? Não viste se?... Não pareceu sentir?... Não observaste?...

PAULA: Observo que perdemos aqui o tempo. Vamos, vede o que fazeis, vede a quanto me arrisco por...

CENA VIII

BERNARDIM RIBEIRO, PAULA VICENTE, PÊRO SÁFIO

PÊRO: Providência, Providência? Paula! Meus pecados! ainda de conversa! – *(Aparte.)* Se não soubera o que sei, era capaz de ter ciúmes da moura – e como um mouro.

PAULA: Aí vou. – *(A Bernardim Ribeiro.)* Lembrai-vos do que vos disse.

CENA IX

BERNARDIM RIBEIRO, *só, depois* UM ACTOR

Passeia, lendo o papel que tem na mão; depois de considerável silêncio:

BERNARDIM: E eu hei-de dizer isto! – Fazer estes trejeitos... Eu, diante de tanta gente! – E para estudar isto de cor? Impossível. Quem me deu cabeça agora?...

ACTOR: Senhora moura, senhora moura Tais – depressa, depressa, que estais a entrar por instantes.

BERNARDIM: Vamos. Ânimo; e suceda o que suceder. Avante com a empresa.

CENA X

Apenas sai Bernardim Ribeiro, levanta-se o pano do fundo e aparece a sala do trono, ricamente adereçada e iluminada.

EL-REI DOM MANUEL à direita, sentado em cadeira alta de espaldar, sobre um estrado; SAINT-GERMAIN, JOFRE PASSERIO e CHATEL à direita de el-rei; à sua esquerda o MORDOMO-MOR, o BISPO DE TARGA, CONDE DE VILA NOVA, GARCIA DE RESENDE e mais senhores da corte. – No fundo, e quase tocando na esquerda da cena, a infanta DONA BEATRIZ, em outro estrado e em cadeira alta; à esquerda do estrado da infanta, em almofadas, INÊS DE MELO e todas as damas da corte. Onde convier, PAJENS, MENESTREIS, ARAUTOS, REIS-DE-ARMAS e PASSAVANTES. Os ARCHEIROS estão distribuídos pela sala. À esquerda da cena, defronte de el-rei, e ao pé do estrado da infanta, está estendido um tapete e, sobre ele, em semicírculo, as figuras todas do Auto, que está quase no fim. – PÊRO SÁFIO, vestido de Marte, no meio do tapete, em atitude de representar. – No momento que corre o pano el-rei aplaude; toda a corte o imita.

DOM MANUEL: Gentil romance! E bem cantado. Não dirás que não deixas saudades, Beatriz: todos estão como eu, coas lágrimas nos olhos, só de ouvir neste romance o que amanhã, minha querida filha, há-de ser realidade. Mas não são para agora tristezas. Ânimo e alegria, senhores! Continue o Auto.

MORDOMO-MOR (*chama um pajem e diz*): Manda el-rei, meu senhor, que continue o Auto.

PAJEM (*indo para Gil Vicente, repete*): Manda el-rei, meu senhor, que continue o Auto.

GIL VICENTE (*aparte*): Só falta a moura. Teremos alguma? – Capaz é ele de fazer das suas. – Não; ei-lo, aí vem.

CENA XI

BERNARDIM RIBEIRO e DITOS

BERNARDIM (*em trajo de moura, entrando gravemente, encara com a infanta,*

fica suspenso algum tempo, põe a mão na frente, depois no coração, e logo começa):

Quebrado está meu encanto
Por outro poder mais forte;
Torno outra vez à vida
Para mais sentir a morte.

GIL VICENTE: Perdeu-se, perdeu-se: não é aquilo! (*Chega-se a Bernardim, e aponta-lhe baixo*):

Mi no xaber que exto estar
Mi no xaber que exto xer.

Que diabo de versos são aqueles?

BERNARDIM (*sem o atender, e entusiasmando-se*):

Viver que não era vida,
Sempre o mesmo, sem mudança,
Os desejos vivos sempre,
E sempre morta a esperança...

GIL VICENTE (*aparte a Pêro Sáffio*): Endoideceu. Estou perdido. E o meu auto, o meu nome! E os italianos! Deus se compadeça de mim. Vou empurrá-lo dali para fora.

PÊRO: Deixá-lo, já'gora; não vos deis por achado. Vejamos em que isto pára.

(Dona Beatriz parece ia quieta, e olha significativamente para Paula, que encolhe os ombros.)

BERNARDIM (*depois de estar algum tempo, como quem reflecte*):

Cuidei que maior tormento
Não mandava à Terra o Céu:
Há mais, há pior ainda,
E em sorte me coube: é meu.
– Deste anel, que o talismã
De minha fortuna encerra,
Já que eu gozar não podia,
Não gozava outrem na Terra.
– E agora, entregá-lo assim,
Agora obrigar-me o fado...

GIL VICENTE: Já não há remédio: estou perdido. Pêro, Pêro, vê com que cara está el-rei!

PÊRO: Animo, mestre Gil, que, nestes casos, acobardar é o pior. – Interrompei-o com vossa autoridade de Júpiter, e acabai já com esta comédia, que me cheira que tresanda a ir desabar em tragédia.

GIL VICENTE: Dizes bem: deixai-o comigo. (*Adianta-se em carácter e estendendo o raio a Bernardim:*)

Presentai isso à senhora
Infanta e nova duquesa.

BERNARDIM (*como caindo em si*): À duquesa!

PAULA (*baixo a Bernardim*): À infanta. Ide já, ou tudo está perdido, e nós todos.

BERNARDIM (*ajoelha diante da infanta, que está ao pé, e tomando o anel, diz baixo*): Duquesa de Sabóia, este anel deu a infanta D. Beatriz de esmola a um desgraçado. O povo queria-lhe mais que à vida; mas desde hoje lhe não pertence já. – Cuidava ter nele uma promessa, uma esperança... – A duquesa de Sabóia que lhe leva tudo – tome-lhe também o anel. (*Mete-lhe o anel no dedo. Toca a música; dão palmas ao Auto; os actores retiram-se.*)

DONA BEATRIZ (*interdita e baixo*): Desgraçado, não vês que me matas?

BERNARDIM (*do mesmo modo*): Que disseste, Beatriz?

DONA BEATRIZ (*do mesmo modo*): Que me matas – que te não mereço – que te... (*Desfalece.*)

(*Bernardim Ribeiro levanta-se sem perceber que Beatriz está desfalecida. Pêro Sáffio trava-lhe do braço e o leva para dentro. – El-rei, com ar enfadado, levanta-se. Todos o imitam. – Parece haver alguma confusão: mas ninguém se apercebe do estado da infanta.*)

DOM MANUEL: O nosso Gil Vicente não foi feliz desta vez na conclusão do seu auto. Costuma acabar mais alegre e gracioso. – Passemos à outra sala; e alegrem-nos danças e folgares, já que nos deixou tão triste a comédia. Barão de Saint-Germain, a duquesa, minha filha, espera o braço de seu noivo para a conduzir ao baile – enquanto eu lhe não dou a mão para o rompermos ambos.

(*Tocam os menestréis. El-rei sai precedido dos reis-de-armas, etc. O barão de Saint-Germain fica ao pé de Dona Beatriz. Chatel em distância. – Paula entra, já em traje ordinário, pela mesma porta porque saíra o Auto. Chatel se aproxima dela cortejando. Paula corresponde friamente. Vão continuando a sair as damas e senhores da corte.*)

CENA XII

DONA BEATRIZ, SAINT-GERMAIN, CHATEL, PAULA, INÊS DE MELO, DAMAS, *etc.*

SAINT-GERMAIN: El-rei, que já está na outra sala, me concede a honra de conduzir a Vossa Alteza...

DONA BEATRIZ (*acordando*): Para onde? Já embarcar? Oh!, não, por piedade! Ainda não.

SAINT-GERMAIN: Embarcaremos quando mandar Vossa Alteza... Agora só tomo a liberdade de lhe lembrar que el-rei a espera.

DONA BEATRIZ (*caindo em si*): Tendes razão. Vamos. – Paula, vinde comigo. (*Paula inclina-se duvidando.*) Vinde, que mando eu.

(*Paula, inclinando-se com respeito, obedece. Olham uma para a outra significativamente, e prosseguem.*)

CHATEL (*aparte*): Aqui há mistério! E eu hei-de descobri-lo.

ACTO TERCEIRO

Recâmara do galeão Santa Catarina, ricamente tapeçada de veludo carmesim com franjas de ouro. No fundo as varandas de popa abertas. – A um lado a porta que leva ao camarim da Infanta, com reposteiro igual à tapeçaria, e nele as armas partidas de Portugal e Sabóia. – Do outro lado vê-se o princípio da ponte ou comunicação de pranchas que une o galeão ao cais. – A um canto, almofadas como a tapeçaria, formando uma espécie de divã.

CENA I

BISPO DE TARGA, CONDE DE VILA NOVA, GARCIA DE RESENDE, SAINT-GERMAIN, JOFRE PASSERIO, CHATEL. *Os REIS-DE-ARMAS e ARAUTOS postados à porta do camarim da Infanta; ARCHEIROS no princípio da ponte. Os SENHORES DA CORTE formam grupos e conversam entre si.*

CONDE DE VILA NOVA: Sabereis, senhores, que lhe obedecem os astros ao nosso Gil Vicente, como se fora a Pedro Nunes que se entendia com eles. – A Lua cumpriu a palavra que inda agora nos deu, lá no Auto. Ela aí está bela e radiante para acompanhar a armada. E Júpiter quase que não brilha menos. Como ele bate nestas águas do Tejo com seu raio de prata! – Deliciosa noite! *(Entra para dentro.)* E a alvorada não promete ser menos.

PASSERIO: E é de servir o vento, Senhor Conde-Almirante?

CONDE DE VILA NOVA: Ótimo. Teremos uma monção de rosas. – Ora deixeme ver: a maré da uma às quatro. Isto é meia-noite. – Daqui a três horas começarei a manobrar... não mandando Sua Alteza Ducal o contrário; que o meu pendão de almirante não se ala senão por baixo do estandarte partido de Portugal e Sabóia.

GARCIA DE RESENDE *(falando com o bispo de Targa)*: Quando el-rei Dom João – o príncipe Dom João que então era – foi à jornada de África, levava...

CONDE DE VILA NOVA: Eram fortes viagens essas! Agora vamos a Malaca como então se ia a Ceuta, e bordejamos ali no mar Vermelho como então se bordejava aqui no Restelo.

GARCIA DE RESENDE: Sois para muito, e muito se faz agora, Senhor Conde: mas de lá vem, de lá vem. – Lembrai-vos que foi el-rei Dom João quem vos pôs a caminho da Índia, e, se lá chegastes, a ele o deveis. Fostes mais felizes; ele trabalhou mais.

CONDE DE VILA NOVA: Não me parece isso de leal vassalo, Senhor Garcia de Resende: desmerecer assim na glória de el-rei nosso senhor! Tão criado sois dele como fostes de el-rei Dom João.

GARCIA DE RESENDE: Perdoareis, Senhor Conde de Vila Nova: sou mais criado de el-rei que Deus guarde do que fui de quem está em glória. – Lá creio

firmemente que descansa aquela grande alma! – Esse chamava-me *seu amigo*. – Mas nem a memória do defunto nem a presença do que reina me farão dizer o que não é. – O felice reinado do Senhor Dom Manuel é o tempo da colheita; seu primo gastou a vida a semear. Vamos, Senhor Conde, que a ambos devemos muito. – Isto é achaque de velhos estar sempre com o passado. Não sei se fazem melhor... os moços que se esquecem dele.

CONDE DE VILA NOVA (*olha com desdém para Garcia de Resende e vai para Saint-Germain que está entretido com Chatel*): El-rei demora-se bastante, Senhor Barão. Há mais de uma hora que ali está fechado com a Senhora Infanta no seu camarim. É natural. A ambos lhes custará separarem-se. Mas faz-se tarde e...

SAINT-GERMAIN: Dizeis bem: é uma longa entrevista, Senhor Conde; mas devemos respeitar o motivo.

CONDE DE VILA NOVA: Certamente.

UM ARAUTO: El-rei!

(*Levantam-se todos e se compõem em atitude de respeito.*)

CENA II

Os MESMOS, DOM MANUEL, saindo do camarim, DONA BEATRIZ, que fica à porta, INÊS DE MELO, etc.

DOM MANUEL: Basta, não venhas cá fora, minha filha. – Outro abraço, (*abraça-a*) minha Beatriz. – E não saias da tua câmara, que está muito fresco aqui. – Filha! (*Volta para trás outra vez, e fala-lhe ao ouvido.*) – (*Alto.*) Toma sentido, lembra-te do que me prometeste. – Vê se to mereço, Beatriz.

DONA BEATRIZ (*soluçando*): Meu querido pai...

DOM MANUEL: Bem, bem: estou satisfeito: não falemos mais nisso. – Se puder, ainda te irei ver ao Restelo... Nossa Senhora de Belém quero que lhe chamem agora. – Verás que bela figura já fazem do mar as arcadas da minha igreja – a memória que levantei a este grande feito, em que Deus foi servido que eu tivesse minha pequena parte. – De há muitos séculos é o maior acontecimento do mundo, Senhor Barão. – E o monumento da descoberta da Índia, a nossa Igreja de Belém –que já vistes mas que vos parecerá melhor do mar. – Há-de ser o nosso jazigo, meu e de meus filhos. – A Batalha é de outra magnificência: não há dúvida. Mas deixei-me das capelas que ali comecei, porque me quero aqui ao pé do mar. Somos gentes do mar nós agora.

SAINT-GERMAIN: Reinam vossos pendões sobre ele, senhor: justo é que Vossa Alteza esteja perto para receber a vassalagem.

DOM MANUEL: Adeus, minha filha!

DONA BEATRIZ: Meu pai!

DOM MANUEL (*abraçando-a*): Não é a última despedida, filha. Até logo. – Senhores, os que somos de terra deixemos repousar os navegantes; que já pouco lhes fica para isso. – Conde de Vila Nova, escuso encomendar-vos cuidado: sempre fostes bom servidor. – Vamos, senhores. – Minha filha, adeus!

(*Dona Beatriz beija a mão a el-rei: o mesmo faz o conde de Vila Nova, bispo de Targa, damas e senhores da casa da infanta.*)

CENA III

DONA BEATRIZ, CONDE DE VILA NOVA, SAINT-GERMAIN, JOFRE PASSERIO, BISPO DE TARGA, CHATEL, INFS DE MELO, DAMAS, *etc.*

Dona Beatriz deixa cair-se sobre as almofadas que estão a um canto da recâmara, e fica como absorvida em seus pensamentos.

CONDE DE VILA NOVA: As ordens de Vossa Alteza Ducal são?

DONA BEATRIZ: Que ordens, conde?

CONDE DE VILA NOVA: Para a partida, para levantarmos ferro.

DONA BEATRIZ: Que se cumpram as ordens de el-rei meu senhor.

CONDE DE VILA NOVA: Então começaremos a suspender à volta das três; e às quatro desceremos com a maré.

DONA BEATRIZ: Sim, sim: o que el-rei mandou. – E ide descansar, que o haveis mister. – Esperai, conde. Mandar-me-eis esta carta já para o paço.

(*Saint-Germain e Chatel deitam olhos suspeitosos à carta. O conde a mete nas pregas do saio; beija a mão à infanta e parte.*)

CENA IV

Os MESMOS, menos o CONDE DE VILA NOVA

CHATEL (*aparte a Saint-Gemiam*): Vistes, Senhor Barão?

SAINT-GERMAIN (*aparte a Chatel*): É uma carta: não se segue que...

CHATEL (*falando consigo*): Para mim segue-se muito. – Parece-me que ainda temos grande tormenta antes de começar viagem. – Estarei alerta.

DONA BEATRIZ: Podeis retirar-vos. – Estais dispensados de todo o serviço por agora.

(*Beijam-lhe todos a mão e saem, menos Inês de Melo.*)

CENA V

DONA BEATRIZ, INÊS DE MELO

DONA BEATRIZ: Ide repousar, que é tarde. – Inês de Melo, encostai-vos aí no meu camarim, para, se eu chamar; que nestas almofadas fico por ora, quero respirar este ar puro – é da minha terra ainda. Esperai, Inês: dai-me daquele cofre que aí há-de estar dentro, aquele que me trouxe da China Fernão Pires, a viagem passada – um livro que lá heis-de achar. Não o desabrocheis, que tem papéis dentro. (*Inês de Melo sai e volta com um livro de quarto, grosso, com broches de prata.*) Esse é: acertastes.

INÊS: Vossa Alteza não lê por outro: tinha-o à mão para lho dar.

DONA BEATRIZ: Bem está. – Ide descansar.

CENA VI

DONA BEATRIZ

DONA BEATRIZ: Este livro!... São nossos tristes amores contados por um modo que os não entenderá ninguém. E aqui está a verdade toda – mas posta por ele com aquela alma que sabe dar a tudo! – E de tudo o que me fica é este livro. – Nada é já do que foi: está em história como as coisas passadas! – Se vierem a escrevê-lo por esta invenção que agora veio da Alemanha, e que chegue às mãos de todos, quantos não chorarão sobre nossas desgraças! – Eu sei! Carpi-lo-ão talvez a ele, acusar-me-ão a mim. – A mim não, que bem delicadamente encobertos deixou os nomes todos – menos o seu. – Generoso coração de homem! (*Levanta-se.*) Oh!, que tem o mundo para me dar que me compense o que perco aqui! – Ah!, meu pai e meu senhor, o soldado que por vós vai morrer nas areias de África, ou nos palmares da Índia não vos faz tamanho sacrifício. (*Torna a recostar-se.*) – «Saudades!» Que título lhe pôs! – Adivinhava que delas havíamos de morrer. (*Lê:*) «Sobre um verde ramo, que por cima da água se estendia veio pousar um rouxinol; começou a cantar tão docemente que de todo me levou após a si o meu sentido de ouvir; e ele cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia que como cansado queria acabar; senão quando, tornava como que começava; então – triste da avezinha! – que, estando-se assim queixando, não seu como se caiu morta sobre aquela água...»

CENA VII

DONA BEATRIZ, CHATEL

DONA BEATRIZ (*erguendo os olhos de repente do livro, dá com Chatel que a estava espreitando e que não pôde fugir sem ser visto. Levanta-se com dignidade*): Que fazeis aí, senhor secretário? Não mandei eu a todos que fossem repousar?

CHATEL: Tinha saído ali – a tomar ar... Pareceu-me ouvir que Vossa Alteza

chamava.

DONA BEATRIZ: Quando o fizer não será por vós. – Não chamei ninguém agora. – Obrigais-me a ir fechar-me no meu camarim para estar livre de... Bem. Ficai, pois, aí. – Alguém virá do paço em minha procura: chamai logo Inês de Meio... Mandai-a chamar. (*Aparte.*) Importuno de italiano!

CENA VIII

CHATEL (*só*)

CHATEL: Ofendeu-se minha augusta ama. – Poh! – Mas aquela história do auto tem segredo que é preciso penetrar. E se eu chego a ser bem senhor dele... que farei? – Deitar a perder a infanta, declarar tudo ao duque? – Tão louco sou eu! Nada. – Basta que a duquesa saiba que eu sei o que ela não quer que se saiba: está feita a minha fortuna. – Quem temos? – Oh! a bela Paula. – Esta é do conselho íntimo, como dizem os tudescos. – E fina como um flamengo de Carlos V. – Mas vejamos sempre se pesco alguma coisa nestes mares.

CENA IX

CHATEL, PAULA VICENTE

CHATEL: Por aqui, formosa e discreta Paula? – Não vi o vosso nome na lista: de que muito me pesa. – Mas sabeis que foi el-rei de Portugal quem nomeou os oficiais, damas, cavaleiros e todos os que hão ser da viagem. – Para mim já ela será triste com a falta de uma pessoa...

PAULA: Sei muito bem que não tenho a honra de ser da viagem da Senhora Infanta-Duquesa. Nem aqui venho a estas horas senão porque me ordenou que lhe viesse beijar a mão, de última despedida.

CHATEL: Pode ser...

PAULA: E é.

CHATEL: É certamente: basta afirmá-lo boca tão formosa. – Mas é muito mais de meia-noite. El-rei já se retirou. A Senhora Duquesa fechou-se no seu camarim. Não tardará a começar a manobra da nau. E não sei, bela Paula, se é possível...

PAULA: Nem eu. Mas sei que há um quarto de hora, e já depois de el-rei estar de volta no paço, me mandou a Senhora Infanta recado, por letra de sua mão, para que viesse logo e sem detença. – Eu obedeci: vós fazei como quiserdes. – Mas... não me irei daqui sem que Sua Alteza me mande. (*Sentando-se nas almofadas.*)

CHATEL: O meu desejo é servir-vos como mereceis... – Vou mandar ver se a Senhora Dona Inês...

PAULA: Avisai a quem quiserdes. O nosso costume das que somos criadas é entrar sem essas formalidades. – Eu, ainda que humilde, sou criada de Sua Alteza, e sempre mereci a minha ama...

CHATEL: Bem, bem; tudo mereceis. – E porque não havíeis de ser desta viagem, bela Paula? Queria que as nossas italianas, tão presumidas de seus olhos pretos, vissem uns olhos portugueses que as matassem de inveja.

PAULA (*secamente*): Sois galante.

CHATEL: De galantes vos veríeis vós perseguida em Turim. Sabeis lá que terra é Itália para galantes!

PAULA: Inda bem que não vou; é raça que muito me enjoa, a dos galantes.

CHATEL: Como assim! Tão bela e tão discreta, e galantes vos enfadam! – Percebo. (*Com finura.*) – A *Providência* dispôs já talvez de seu coração... Lá me pareceu que naquelas *Cortes de Júpiter*, naquele parlamento celeste havia oradores inspirados por um sentimento mais vivo... Eram tão poderosos, tão irresistíveis os feitiços e esconjuros daquela moura...

PAULA (*aparte*): Confirmemo-lo neste engano: duvida ainda. Oh meu Deus, quem me diria! Até a verdade precisa fingida, e se engana com ela! (*Alto.*) Vejo que sois penetrante, senhor secretário. E bem dizem que não há esconder nada da finura de vossa nação. – (*Aparte.*) Com italiano, italiano e meio. – (*Alto.*) Pois bem; confessar-vos-ei tudo, já que sabeis tanto. – Estou em grande ânsia e abertura. Era um homem o que fez de moura no auto; um homem que me amou, que... endoideceu de puro amor. – Ia-nos perdendo hoje a meu pai e a mim... fez um estranho alvoroço na corte. Misturou os seus loucos amores com o papel do auto... – Verdadeiramente ainda não estou em mim com o susto que tive. – Mas se eu o amo; se, apesar de tudo, não posso deixar de amá-lo! (*Com entusiasmo.*) – Se para o adorar e servir –nem a morte nem a infâmia diante de mim... Oh!, meu Deus!

CHATEL (*aparte*): Não era com a outra – está visto: assim não se finge, vem-lhe do coração.

PAULA: A Senhora Infanta que me protege – (*aparte*) – ou eu a ela; horrorosa situação a minha! (*Alto*) quer...

CHATEL: Interessar-se por vossas coisas... Entendo: negócio de casamento, é a madrinha...

PAULA (*aparte*): Sou eu, eu é que sou a madrinha...

CHATEL: Coisa tão natural, tão louvável. – E um anjo a Senhora Infanta. – Vou já fazer chamar Dona Inês... – (*aparte*) e tranquilizar de todo os escrúpulos do barão. – Enganei-me com efeito: perdi o meu tempo: vou ver se o reparo, dormindo um pouco antes que comece a maldita algazarra da manobra.

CENA X

PAULA VICENTE, INÊS DE MELO

PAULA (*apenas Chatel se retira, corre com os olhos rapidamente a câmara, palpa as tapeçarias – sente que uma do lado oposto ao camarim da infanta está em vão, levanta-a. Imediatamente chega ao lado com que comunica a ponte do cais, e faz sinal com um lenço. – Bernardim Ribeiro acode. – Paula, sem lhe dizer uma palavra, o toma pelo braço e empurra violentamente para o vão da tapeçaria, que deixa cair: e diz pondo o dedo na boca*): Silêncio!

(*No mesmo instante se abre a porta da infanta, e sai.*)

INÊS: Manda a Senhora Infanta-Duquesa que aguardeis um instante, e já vos falara.

CENA XI

PAULA VICENTE

PAULA VICENTE: E eu... eu é que assim arrisco minha vida, minha fama, para lhes valer em seus amores! – Todas as delícias deste adeus derradeiro – a mim mas devem! A mim que o amo – que a detesto... Oh!, não detesto, não. – Pobre Beatriz, tão boa, tão inocente, tão tímida!... Tu amas, desgraçada, e muito! Dele te apartam, para longe te levam aos braços de outrem! – Reclinada no peito do estrangeiro, mesquinha! – tu estremecerás com as aborrecidas carícias de um esposo indiferente; e o asco dos beijos de um marido que não amas, que em teu coração traíste já – te arrepiará os cabelos, te engulhará como peçonha! – Mas vais... E vives! E acabarás por te acostumar. – Sintra e suas árvores tão verdes, Colares e suas relvas tão viçosas, tão estreladas de flores – te parecerão como um sonho de infância – singelo de mais, inocente que enfada, para quem passeia pelos recortados florões de teu magnífico jardim italiano... Costumar-te-ás à natureza afectada e factícia; e a natureza verdadeira te parecerá impossível. – E que importa! – As grandezas, o poder, a fortuna, a ambição, aí estão para compensar o perdido. – Mas aquele infeliz, que não tem outra glória, outros desejos, outra existência, outra vida, mais que esse funesto amor que o mata – desgraçado! – oh!, para esse é que todo vai o dó do meu coração. – Inexplicável martírio que é o meu! – Amo-o; e já não é possível que eu ame outro homem senão ele. Amo-o; e assim me empenho em seus amores com outra – com uma rival que devia detestar, e não detesto – quero-lhe antes, sirvo-a, deixo caluniar a minha para salvar a sua honra! ... (*Longo silêncio.*) E se alguém disser: – «Paula Vicente, filha do comediante, tu fizeste como os chocarreiros do palácio; serviste os amores de tua ama – e pelo pão com que matavas a fome, vendeste a uma princesa o teu amante.» – Di-lo-ão, meu Deus! – di-lo-ão: – e eu ficarei infame... (*Reflecte; e já resoluta.*) – Que o digam. Vil seria eu a meus olhos, se, para servir a este ciúme que me rala as entranhas, que me confrange os ossos – negasse a dois infelizes o amparo que só eu posso dar-lhes... (*Fica por muito tempo com os braços cruzados, olhando fita para o sitio em que está escondido Bernardim Ribeiro.*) Ei-lo ali está, ali que, escondido e protegido por mim, conta os instantes que espera... – E não é por mim que ele espera. – Ouço-lhe quase as pulsações impacientes do coração que lhe bate de ânsia... E não é por mim que ele bate. – Vê-la-á, e a mim mo deve. – Protestar-lhe-á de

seu amor eterno..., e eu serei testemunha do juramento que todas minhas esperanças destrói. – Ouvirá que é amado... saberá... receberá... – E eu, eu... – (*Com amarga alegria.*) Mas em poucas horas este pavimento há-de começar a mover-se, estes lenhos tomarão asas e fugirão por mares a fora com todos esses votos de fidelidade e ternura... Oh!, quem não suspiraria pelo dia de amanhã! – Eu. – Eu não sei que ele há-de ser mais negro ainda que o de hoje. – Eu, a orgulhosa filha do comediante, eu, que de frente ousaria lutar com minha poderosa rival, eu não hei-de valer-me da sua ausência – não me aproveitarei de seus despojos. – O mundo que fale. A filha do comediante é grande a seus olhos.

CENA XII

PAULA VICENTE, DONA BEATRIZ

DONA BEATRIZ (*abrindo a porta do camarim*): Paula, minha boa Paula, venho eu mesma abrir-te, que não quero ninguém entre nós nestas horas derradeiras de nossa despedida. – Meu Deus, eu não tinha senão esta amiga: mandam-me desterrada, e até dela me privam! – Entra, Paula, que se me arromba o peito, se não desabafo contigo de tanta mágoa que aqui está. Vem: tenho muito que te dizer.

PAULA: A mim, senhora! – a mim tendes que dizer! – Se fosse a...

DONA BEATRIZ: Não, Paula; já agora não! Depois do que meu pai me disse, depois do que lhe eu prometi...

PAULA: Pois el-rei?...

DONA BEATRIZ: Sabe tudo. – não que mo dissesse, Paula; mas falou-me de um modo... deu-me uns conselhos... Oh!, que se me partia a alma de o ouvir! Não me repreendeu, não me quis envergonhar; chorou comigo... Tão bom pai! – Oh!, que mocidade a minha! – Não, não quero ver mais aquele homem. E que lhe havia de eu dizer, se o visse! Que lhe havia de eu dizer àquele infeliz que me ama tanto, e que eu... que eu devo esquecer para sempre... (*Ouve-se ruído detrás da tapeçaria. Beatriz estremece.*) Que seria isto? – Não estamos bem aqui, Paula: – entra. São decerto boas duas horas. Às quatro dizem que sairemos: Ai! daqui a duas horas começará a mover-se isto tudo; – e a minha terra a fugir para sempre – a minha terra, e quanto nela me prendia a esta vida..., vida que já agora não sei para que me serve. – Oh!, Paula, Paula, que noite a de ontem para ser a última! – Que terrível surpresa aquela do auto! E o anel, o fatal anel... – Pois não mo entregou o insensato! Não me restituiu o anel que lhe eu dera! – Não me disse!... Oh!, queimam-me ainda aqui no ouvido as terríveis, as desdenhosas palavras que me disse aquele louco. – E eu que me sentia morrer! – E meu pai ali, e todos... Tremo ainda quando me lembro que o podiam descobrir.

PAULA: Certo que maior imprudência se não fez ainda. Acuso-me a mim mesma de ter concorrido para vos pôr em tamanho perigo.

DONA BEATRIZ: O meu perigo! – Bem pensava eu em mim naquele instante. Ai! por ele é que eu tremia, Paula. Se o descobrissem, meu Deus! – Mas que amor, que força de amor não é necessária para cometer ousadia tal! – Dir-lhe-ás, Paula, tu que o

hás-de ver ainda, tu que és tão afortunada...

PAULA: Eu!

DONA BEATRIZ: Que hás-de tornar a vê-lo – dir-lhe-ás que...

PAULA: Que muito lhe estranhais seu atrevimento?

DONA BEATRIZ: Estranhar-lho! – Se prazer como eu tive então – misturado, é verdade, de pena tão cruel! –se eu nunca senti o que senti então – se aquele transe...

PAULA: Grande abertura seria, senhora: não a quiséreis tornar a passar...

DONA BEATRIZ: Oh!, Paula, a minha vida por outro instante como aquele.

CENA XIII

DONA BEATRIZ, PAULA VICENTE, BERNARDIM RIBEIRO *saindo*

DONA BEATRIZ: Ai! (*Desfalece: acode-lhe Paula.*)

BERNARDIM: E eu que não soube morrer naquele instante! Fui um cobarde: não merecia viver até este; não merecia ouvir de teus lábios que morro amado, que morro ditoso. Beatriz, Beatriz, eu venho morrer a teus pés. (*Ajoelha e toma-lhe as mãos.*) – Tenho padecido o que nenhum homem sofreu ainda; tenho levado uma vida..., que – se eu fora amaldiçoado de Deus... se neste mundo me começara o Inferno por meus crimes – não a podia ter pior nem outra... – Oh!, Beatriz, foi dura a provança, longa a expiação. – Mas este céu, mas esta bem-aventurança não tinham preço. – Oh!, Beatriz, deixa-me que te beije estas mãos, que te adore aqui, que de joelhos diante do anjo que me vem buscar, que me despena – que me remiu – eu viva estes minutos de êxtase, de felicidade que não é, não pode ser, não é da Terra. – Tu és princesa – eu sou um pobre trovador. Mas esta coroa de glória, não a têm os reis. De onde a houveste! – Do Céu, anjo, do Céu que te manda a este baixo mundo confortar uma alma que se perdia, que descreia já de Deus – que ia quase a blasfemar! – Estive, estive a ponto de blasfemar de ti! – Oh!, Beatriz, eu sou um monstro, eu não te mereço. – E mais, olha, se não for eu, nenhum outro homem te merece. – Tu és uma princesa, bem sei; eu sou um triste menestrel, já to disse. Mas, sabes tu? Aquela formosa rainha de Inglaterra beijou o trovador que dormia... – Meu Deus, dormirei eu, sonharei eu! – Oh!, deixem-me morrer antes de acordar. –Deixa-me aqui morrer a teus pés, Beatriz – Beatriz, não te peço senão que me deixes morrer aqui a teus pés.

DONA BEATRIZ: E qual outra esperança há para nós, Bernardim? – Era piedade da sorte que nos matasse aqui a ambos.

PAULA (*aparte*): Não posso ouvir isto. Pane-se-me a alma: e já não sei que sentimento éo que tenho no coração, se é paixão se é dó – ou se ainda tenho zelos! (*Vai precipitadamente para a varanda.*)

BERNARDIM: Ouve: a flor dos meus anos murchou-se na tristeza e no

desconsolo – mirrou-se na esterilidade; sacudiu-lhe o vento do deserto as folhas desbotadas e secas. – Que a hástia espere pelas águas do Inverno que a apodreçam – ou que a segue já a foice do ceifeiro... importa alguma coisa? – Nunca vivi até agora; tive estes instantes para avaliar a mercê do Criador em me dar o ser. –Morrer, para mim, é necessidade. Não sou eu que o quero, que o desejo; é que por força há-de ser assim. – Poeta, dizes tu agora – perdeste o juízo a fantasiar – enlouqueceste. – Não, Beatriz, nunca me subiu a fantasia tão alto. (*Ouve-se o apito de bordo.*)

DONA BEATRIZ: Que será isto?...

PAULA (*friamente entrando da varanda*): O apito do mestre. –É mais tarde do que supúnhamos: vai começar a manobra. – Senhora, eu tive dó deste homem: prometi-lhe de fazer com que vos visse um instante. – Deve a mim, a si próprio, e a Vossa Alteza sobretudo, não abusar agora. – Se nos demoramos um momento mais, estamos perdidos todos...

(*Segundo apito prolongado. Sente-se grande ruído de manobra e vozearia da tripulação que trabalha.*)

DONA BEATRIZ: Santos do Céu! que já o galeão se move.

PAULA: Ainda não; ainda é possível escapar. (*Olha para o lado respectivo.*) Ainda está fixa a ponte que toca do galeão no cais. – Senhora, adeus! Não sabereis nunca tudo o que fiz por vós. Adeus, lembrai-vos alguma vez da pobre Paula.

(*O ruído cessa: Paula vai beijar a mão da infanta.*)

BERNARDIM (*em desvario, afastando-a com violência e pondo-se em pé*): Desgraçado do que tocar nesta mão. – São duques, são reis, são príncipes? – Eu sou Bernardim Ribeiro, o trovador, o poeta, que tenho maior coroa que a sua. O ceptro com que reino aqui, ganhei-o, não o herdei como eles. – Beatriz é minha. (*Ouve-se música de charaméis.*)

PAULA: Nossa é a desonra e a morte.

DONA BEATRIZ: Paula, Paula, que é?

PAULA: El-rei que chega. – Já não há remédio. – (*Vai ver.*) Já lá vem ao princípio da ponte.

BERNARDIM: Quem?

PAULA: El-rei, que vem achar a infanta sua filha com um homem escondido em sua câmara. – Devaneai agora à vontade: já completastes a vossa obra.

BERNARDIM (*caindo em si, e com tranquilidade*): Não tenhais receio. Estou perfeitamente em meus sentidos. – Beatriz, um derradeiro adeus – um adeus até ao Céu! – A rola, que perdeu o companheiro, deixa-se morrer de míngua sobre o ramo lascado da árvore em que lho mataram... – Estas águas, em que já baloiça o navio em que te levam –Beatriz! ... (*Ajoelha e esconde o rosto entre as mãos da infanta*) estas águas que

me roubam tudo... (*Ouve-se grande alarido.*)

PAULA: El-rei que entra...

BERNARDIM: Que tomem também a minha vida. (*Arremessa-se, pela varanda do galeão, ao mar.*)

DONA BEATRIZ: Ai! (*Caí sem sentidos.*)

PAULA (*olha para o rio, e volta em desespero*): Já vai seguido o galeão!

CENA ÚLTIMA

DONA BEATRIZ, PAULA VICENTE, EL-REI DOM MANUEL e SÉQUITO

Paula ajoelha junto à infanta estendida no chão, e lhe beija a mão muitas vezes, leva-a ao coração, e levanta-se precipitadamente. – Neste mesmo instante entra el-rei.

DOM MANUEL: O último adeus, minha filha, um abraço ainda! (*Todos rodeiam a infanta.*) Já o galeão vai navegado! Tomou-a o susto. – Filha! (*Aparte.*) Eu constrangi sua vontade. – Meus Deus, se eu matei a minha filha!

NOTAS

Nota A

...mataram-lhe o Garção numa enxovia por escrever uma carta em inglês.

Contam que certo Lovelace alfacinha da amizade do Garção, querendo escrever a uma menina inglesa a quem galanteava, pedira ao poeta que lhe trasladasse para a língua da bela insular os seus «lusos namorados requebros». Pamela não era para graças, ou não engraçou com o autor da missiva, e foi mostrá-la ao papá, que a foi mostrar ao marquês de Pombal, que mandou prender o pobre eremita de Águas Santas, cuja letra conheceu ou lha denunciou alguém. Não faltou quem esclarecesse o caso e mostrasse a inocência do poeta: mas o suposto delito era pretexto e a causa verdadeira o ódio do Pombal pela famosa «Fala do duque de Coimbra, recusando a estátua» que o Garção compusera para fustigar a vaidade com que o marquês se esculpira em bronze no pedestal do Terreiro do Paço.

Foi preso em 9 de Abril de 1771, sem processo; oito meses esteve no segredo: e só expediram, pela Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, a ordem de soltura, muito dantes prometida por el-rei à desconsolada esposa, em O de Novembro de 1772, algumas horas depois de o saberem morto.

Morreu no Limoeiro, nem o deixaram vir expirar em sua casa e pôr os últimos olhos moribundos na luzidia calva do padre Delfim! – Do mais que se passou na prisão não pude sabê-lo. Acaba-nos a história do Garção na sua entrada para os ferros de el-rei. Se ele era homem de bem, de engenho e português! – Ele e a sua história deviam ter este remate.

Nota B

...para fazer um repertório, a isso posso eu ajudar...

A formação de um repertório nacional é a mais urgente das três grandes necessidades do nosso teatro, e cuja satisfação mais há-de facilitar a das outras duas. A experiência de todas as nações – todas, sem excepção alguma – tem mostrado que, por mais e melhor que se traduza, não se consegue formar com traduções o teatro de um país onde o não há, nem sequer aditar o que já existia. Não há um só drama inglês que se sustente nas cenas de Paris. Os Ingleses traduziram todo o repertório francês de Luís XIV; e não foram quaisquer tradutores, até Dryden meteu mãos à obra; e de nem um só desses ricos trabalhos hoje há memória em Drury Lane ou em Covent Garden. O mesmo se está vendo em Espanha.

Entendi, e estou firme, que formar o repertório nacional era uma grande missão civilizadora, que todos, que a Nação, que o Governo – onde há Governo – deviam, não só auxiliar e proteger, mas promover e estimular. Esta convicção me fez provocar o decreto de 12 de Outubro de 1838 que facilitou os prémios do Conservatório Real para as peças originais, e me fez aturar com paciência os despeitos e malquerenças que dessa instituição resultaram. Todos os que, levados do impulso que efectivamente se tem dado a este género de literatura, aí têm escrito para o teatro, experimentaram a desinteressada vontade, e quase abnegação própria com que procurei auxiliá-los.

Para os animar e proteger, propus, e consegui fazer passar, na Câmara dos Deputados, a lei da propriedade literária, que lhes segurava o razoado prémio de seus trabalhos: e se passar na outra câmara, estou crente que basta ela para nos dar um teatro nacional. Infelizmente a lei tem-se demorado quatro anos. Quis suprir a sua falta formando uma espécie de associação de *seguro-mútuo* entre os autores para se protegerem contra as duras e *proverbiais* tirania dos empresários. E comunicando o plano aos meus amigos, os Srs. A. Herculano e A. F. de Castilho, que por tantos motivos eu desejava se pusessem à frente da associação, chegou ela a estar, se pode dizer, formada; e por duas vezes, em 1838 e 1839, tive quase arranjadas com a empresa do teatro as estipulações necessárias.

Não só falharam as minhas diligências e esforços; mas delas quis tirar pretexto a má-fé acintosa e baixa para me arguir do espantoso crime de querer tirar grossos proveitos de minhas composições teatrais. E se eu tivesse essa pretensão, forte pecado! – Mas não tive. Estão vivos e são os distintos literatos que sabiam, aprovavam e cooperavam nos meus projectos, que sabem e testemunham o desinteresse (quase ridículo nestas eras utilitárias em que vivemos) com que os empreendi e promovi. – Levei o meu louco escrúpulo – certamente louco – ao ponto de entregar na caixa do Conservatório Real, para se aplicar às despesas das escolas, o produto dos honorários que recebera do teatro o meu drama *Um Auto de Gil Vicente*.¹⁷

Digo escrúpulo louco, porque é falsa e viciosa vergonha em um homem de letras, o não querer tirar proveito delas. É assim, é mau exemplo, dá ares de uma espécie de fidalguice tola; mas eu tinha tomado a minha posição de mais alto, e entendi que descia, se fizesse de outro modo. E o que eu chamo *posição* aqui e chamei inda agora *missão*: não cuide alguém que era o tal cargo de inspector-geral dos Teatros, de que me fizeram tanto favor em me aliviar; era uma coisa que eu sinto melhor do que sei explicar, e que desde que me entendo me fez sempre olhar para a restauração, ou antes fundação, do nosso teatro como para um objecto santo e sublime, uma questão de independência nacional, um ponto de honra para este país em que nasci.

Pode haver pois fanatismo, não há affectação no meu desinteresse. Algum proveito tenho tirado da publicação pela imprensa de meus trabalhos literários; e não me peja nem pesa disso.

Amigos, que eu sei que o são, exigem há muito tempo que eu desse ao público estas explicações. Repugna-me ocupar as colunas dos jornais com coisas minhas tão pessoais e particulares: mas aqui não são tão mal cabidas. Cedo pois e faço-lhes a vontade, por lhes fazer a vontade: não que eu creia em que a mais clara verdade impeça de mentir quem faz gosto ou tem interesse em mentir ou em crer mentiras.

A calúnia é como as trevas, quanto mais grossas são, *menos se vê*.

Nota C

...um facto notável, cujas circunstâncias exteriores minuciosamente nos deixou descritas uma testemunha respeitável,...

É um dos opúsculos de Garcia de Resende, por título *Hlida da Infanta Dona Beatriz pera Saboya*, que anda com as suas obras. Aí se verá que o sarau do paço, o auto, o galeão Santa Catarina e tudo o mais de que me servi, são perfeitamente históricos.

¹⁷ Do que tenho em meu poder recibo em forma, do tesoureiro.

Nota D

...a tragicomédia que naquela ocasião compôs e foi representada na corte,...

Veja a nota antecedente: Garcia de Resende, lug. cit., fol. 99; ed. de 1752; Gil Vicente, tom. 2º, pág. 295 e seg., ed. de 1834.

Nota E

E talvez ainda se envergonhem.

No momento que se escreveu isto, ainda me eu afligia com destemperos: agora para quê? Ou rir-se a gente, ou olhar com indiferença para tudo o que por aí vai por essa terra, é o que se pode e deve fazer somente.

Nota F

É boa, mas talvez imperfeita esta figura,...

A razão por que se não desenvolveu mais amplamente o carácter de Gil Vicente já se deu no prólogo.

Nota G

...a desfeita de o colocar (André de Resende) entre as pessoas mudas... O historiador (Garcia de Resende) apenas fala, o antiquário e moralista nem abre a boca,...

Se o autor fosse a fazer a vontade ao elegante e urbano censor, era preciso fazer uma comédia maior que as de Jorge Ferreira. E evidente porque se não fez,

Nota H

O autor deve a seu estabelecido crédito de purista da língua o fazê-las (certas frases) justificar.

Não diz o censor quais fossem: alguém quis adivinhar que a principal destas frases suspeitas era – «que o fará à maravilha» porque este à *maravilha se* parece com o à *merveille* francês. E assim é que se parece, mas é legitimo português contudo.

Agora acrescentarei, por esta ocasião, que não creio em puritanismos exaltados de nenhuma espécie. Em linguagem, em tudo, a sinceridade é indulgente e franca e inimiga de affectados rigorismos.

Nota I

Niña la casó su padre,...

Estes versos são textualmente do drama *Cortes de Júpiter* de Gil Vicente, que nesta ocasião se representou, como aqui se diz.

Nota J

Este livro!... São nossos tristes amores contados por um modo que os não entenderá ninguém.

No rigor histórico é certamente anacronismo supor já na mão da infanta o livro das Saudades de Bernardim Ribeiro, cujas primeiras linhas logo indicam ter sido composto depois de sua partida. «Menina e moça a longes terras me levaram», diz o enamorado trovador. Mas não se fazia aqui uma história, senão um drama. Nem é absolutamente impossível que, desde que se tratou definitivamente da partida de D. Beatriz, o apaixonado romancista a desse por ida e perdida para ele, em suas lastimadas queixas.

Em vez das poucas linhas que do mesmo livro lê a infanta nesta cena, pudera-se ter posto alguma coisa que imitasse os perdidos *Ecos* de Bernardim Ribeiro, um dos quais começava – «Eco, pois pelo meu mal». Assim o aconselharam ao autor, mas ele imaginou. porventura com razão, que valia mais a prosa original de Bernardim Ribeiro, do que os versos imitados seus – que só imitados podiam ser.

Nota K

Arremessa-se, pela varanda do galeão, ao mar (rubrica).

Em a nota E ao canto nono do poema *Camões*, se promete ilustrar o ponto destes amores de Bernardim Ribeiro e de sua romanesca vida. Mas não me atrevo por ora a cumprir tal promessa. Aqui atirei com ele ao mar porque me era preciso; e o público disse que era bem atirado. É o que me importa. Se ele foi ou não a Sabóia depois, como eu já cuidei averiguado, se andou doido pela serra de Sintra, também me não atrevo a certificar. – O que parece mais certo é que *não morreu de paixão* porque depois foi feito comendador da Ordem de Crista, e governador de S. Jorge da Mina, onde talvez morresse de alguma carneirada; materialíssimo e mui prosaico fim de tão romântico, saudosa e poética vida.

Aprende aqui, ó Beatrizes deste mundo!

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
